

ISBN 85.86788-01-5

JOSÉ DE SOUZA MARTINS

JOSÉ DE SOUZA MARTINS

DIÁRIO DE FIM DE SÉCULO

DIÁRIO DE FIM DE SÉCULO



Notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no século XIX



Fundação Pró-Memória
São Caetano do Sul

DIÁRIO DE
FIM DE SÉCULO

*Notas sobre o Núcleo Colonial
de São Caetano no século XIX*

 **Fundação Pró-Memória**
São Caetano do Sul

Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul
Avenida Goiás, 600 – Centro
São Caetano do Sul, SP
CEP 09521-300
Telefones: 441-9008/441-7420
www.mp.usp.br/fpm



Este livro integra o Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória, no período administrativo 1997-2000 (prefeito Luiz Olinto Tortorello), cujo objetivo é resgatar a História do Município e da região através da publicação de pesquisas e documentos inéditos.

JOSÉ DE SOUZA MARTINS

Universidade de São Paulo

DIÁRIO DE FIM DE SÉCULO

*Notas sobre o Núcleo Colonial
de São Caetano no século XIX*

Fundação Pró-Memória
São Caetano do Sul
1998

ISBN 85.86788-01-5
Feito o depósito legal.

Fundação Pró-Memória – Cadernos de História
Direção: Aleksandar Jovanovic

Reprodução de imagens: Reginaldo Antonio Canhoni
Digitalização de imagens: Erika Martin
Capa: Estação de São Caetano, 1911
Editoração: Tera Dorea

M386d MARTINS, José de Souza.
Diário de fim de século: notas sobre o núcleo colonial de São Caetano no século XIX. / José de Souza Martins. / Fundação Pró-Memória: São Caetano do Sul; 1998. / Série Cadernos de História n.º 1

1. Colonização. 2. História imigrantes.
3. Trabalho formação de classe. 4. Imigração. I. Título.

CDD 981.612 s.c.

José de Souza Martins é professor titular de Sociologia no Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. *Mellon Visiting Professor* da Universidade da Flórida (EUA), em 1983. *Fellow* de Trinity Hall e professor titular da Cátedra Simón Bolívar da Universidade de Cambridge (Inglaterra), em 1993/94.

INTRODUÇÃO

Este “diário” é uma tentativa de reconstituição da seqüência dos dias na vida dos colonos italianos trazidos do Vêneto, no norte da Itália, para São Caetano, atual município de São Caetano do Sul, no subúrbio de São Paulo, no último quartel do século XIX. O resultado é uma sucessão de ocorrências que parecem tumultuadas e desencontradas. Esse tumulto expressa a definição de um modo de vida contraditório, como foi próprio daqueles tempos iniciais da modernidade. De um lado, um modo de vida marcado pelo fluir de uma plácida vida camponesa, organizada ao redor de uma idílica agricultura familiar de jardinagem, como dizem apreciativa e qualitativamente os europeus; ou da pequena agricultura, como diziam na época, quantitativa e depreciativamente, os grandes latifundiários e fazendeiros de café.

Num caso, uma concepção pré-capitalista, artística e romântica do trabalho. No outro, uma concepção capitalista e contabilística do trabalho do camponês europeu trazido para o Brasil não para sonhar, mas para trabalhar e trabalhar preferentemente para o grande proprietário de terra. Quando o imigrante se negava a esse destino em mãos alheias, quando tinha a oportunidade de trabalhar por conta própria, em sua própria terra, como ocorreu no antigo Núcleo Colonial de São Caetano, ou em situações parecidas, os grandes fazendeiros do interior se irritavam com o que entendiam ser um desvio de mão-de-obra barata de suas fazendas carentes de braços. Irritavam-se e conspiravam, a ponto de quase terem conseguido a extinção do Núcleo e a transferência daqueles colonos para as fazendas de café do interior da província.

Se, de um lado, o “diário” faz correr ante nossos olhos essa vida plácida e, de certo modo, ingênua, de outro lado vai ponteando esse olhar com invasões súbitas, descontinuidades estranhas ao modo de vida camponês: as doenças e mortes excessivamente

freqüentes dos primeiros anos, quase diárias, na pequena comunidade de imigrantes vênets; as primeiras manifestações de violência dos “de fora”, os “estranhos”, quase sempre os brasileiros pobres da região, também eles empurrados para a margem da velha sociedade que se desagregava com o fim da escravidão, desagregação de que os colonos de São Caetano eram expressão e símbolo; a revolta de 1878 contra a precária condição em que o imigrante se viu lançado com seu assentamento no Núcleo Colonial; ou um milagre que cura uma doente em 1885. Simultaneamente, a inauguração da estação ferroviária em 1883, a fundação de escolas públicas e, sobretudo, o aparecimento dos compradores de terra que se aproveitavam da pobreza e das dificuldades econômicas dos colonos, decorrentes do fracasso da cultura da uva e da produção do vinho. Eles vinham comprar terras, reconcentrá-las. Por meio deles, o grande capital anulava a idéia de um mundo criado em torno da pequena agricultura familiar. Atrás deles, as primeiras indústrias e, para os filhos dos colonos, um novo destino, o destino dos pobres do campo: o trabalho insalubre da fábrica, a condição de operário.

Mas, também, a tentativa de reagir a esses processos desagregadores, que introduziam rupturas profundas na vida do imigrante. Num primeiro momento, em 1879, com a criação da Irmandade de São Caetano, uma instituição religiosa com características das velhas corporações de fé do Brasil colônia. Era um misto de entidade devocional e de sociedade de mútuo socorro, pautada por objetivos de solidariedade que tinham nos efeitos desagregadores da doença e da morte suas motivações. Num segundo momento, em 1892, com a fundação da Società di Mutuo Soccorso “Principe di Napoli”, uma associação mutualista tipicamente européia, de origem corporativa e medieval, com a disciplina de suas regras e de seus ritos para assegurar a solidariedade dos colonos entre si.

Esta seqüência de dias e noites, de dias comuns e dias festivos, de dor e festa, de fome e fartura, de mortes e nascimentos, aparece, ao mesmo tempo, como sucessão descontínua de acontecimentos. É que o seu registro, na maior parte dos casos,

não foi feito por quem os viveu. A vida deve ser adivinhada por trás das anotações de burocratas e funcionários públicos, jornalistas distantes e visitantes ocasionais, governantes que tinham sua própria vida para cuidar, cujos registros estão fragmentariamente dispersos por arquivos públicos e particulares em São Caetano, em diversos lugares de São Paulo, no Rio de Janeiro, na Itália (em Roma, em Verona, em Cappella Maggiore, em Vittorio Veneto, na província de Treviso), na Inglaterra. É como se o imigrante, antes de chegar ao lugar do seu destino e, sobretudo, antes de chegar ao que sociologicamente se poderia definir como destino social, tivesse deixado, ao longo do caminho, fragmentos de sua vida e de suas esperanças. E de fato deixou em diferentes lugares fragmentos de sua história. Eles não podem ser reunidos se o pesquisador não reconhece que há um caminho inverso e que é preciso percorrê-lo munido da referência teórica que permita não só percorrê-lo, mas decifrá-lo, procurando, identificando, coletando, juntando, decifrando o sentido da dispersão e da fragmentação.

A fragmentariedade das ocorrências que mereceram registros documentais de qualidade diversificada (uma nota de jornal, uma anotação de companhia de seguros marítimos, um relatório oficial, a notícia jornalística de uma festa, a carta de um missionário a um santo, a carta de um imigrante a um compadre, um trecho de relatório oficial de governante, uma curta anotação de um imperador em seu diário) nos fala de uma história residual e marginal. A história de um corpo social em constituição, inacabado, formado por realidades sociais distintas e em transição. A dispersão e o caráter fragmentário da documentação reflete precisamente a realidade social do lugar. A história do Núcleo Colonial de São Caetano é apenas uma coleção de fragmentos da *história dos outros*: pessoas, empresas, instituições, lugares. Na verdade, um desconhecido encontro de histórias, de mentalidades, de projetos e de possibilidades: uma história sem perfil nem definição; uma disputa de historicidades num mesmo território.

Este “diário” documenta o aparecimento de uma concepção de vida, em nossa sociedade, que é a “vida do outro”, que não é a “vida de nossa gente”, a “vida dos nossos”. A falta de vibração e

de sentimentos que há no conjunto dessa seqüência dramática de ocorrências é que constitui o documento histórico que aqui quero apresentar. As relevâncias assinaladas pelos documentos não são as relevâncias de quem vive as alegrias e adversidades da vida. Nelas não há lugar para os sonhos, as canções *montanaras* de quem as trouxe na memória na longa viagem através do Atlântico.

É significativo que a documentação registre a produção de vinho, a primeira especialização agrícola da localidade, quantitativamente, em grandes quantidades, em número de pipas. E que não haja nela, ao mesmo tempo, referências documentais de como o *bicchiere* de vinho, o copo de vinho, entrava na sociabilidade alegre e modesta das festas de igreja, das reuniões familiares e dos encontros de taverna. O vinho não aparece na documentação naquilo que era a sua verdadeira realidade para o imigrante: o instrumento da celebração da vida, a bebida litúrgica da alegria. É que aqui o imigrante e colono ganha vida sobretudo através do olhar de quem não era imigrante, através do outro, do agente do poder e da economia dominante, do redator de documentos. Nessa perspectiva ele só existe como expressão das coisas que produz, como alteridade das mercadorias que saem de suas mãos e de seu trabalho, como produtor e trabalhador cujo lugar no país de adoção precisa ser medido e medido por aumentos ou decréscimos nas quantidades produzidas — pipas de vinho ou arrobas de batatas. A lógica que o vê não é a lógica que dá sentido a sua vida e pela qual se vê. Por isso, ele é visto como estranho, como o que vem de longe. Ele não é visto como *quem é*, mas como *quem não é*. Essa é, sem dúvida, a chave histórica e sociológica para ler os documentos e compreender o drama da deliberadamente lenta integração do imigrante na sociedade brasileira nas três últimas décadas do século XIX.

Desde os primeiros momentos em que se define o cenário de acolhimento do imigrante que viria para São Caetano, já é possível perceber quais são as linhas mestras que vão mediar a redefinição de sua existência na nova pátria: o trabalho, a formação do contingente de mão de obra dos cafezais e das fábricas, a produção da ilusão de que só o trabalho em terra alheia é digno e liberta. E,

de fato, os últimos anos do século já nos falam de um morador que está se tornando estranho em relação a si mesmo, um morador que numa segunda geração já não se reconhece naquilo que imaginava ser: um trabalhador cujo braço, que já não lhe pertence, é operário, mas cuja mente, cuja alma, é camponesa — um trabalhador dividido; um ser humano cujo destino já não é seu. Essa forma peculiar da alienação do trabalhador dos primeiros tempos de nossa industrialização sequer foi notada pelos sociólogos do trabalho que se ocuparam da gênese de nossa classe operária.

São várias as mudanças sociais que podem ser observadas nesta seqüência desconstruída de ocorrências e acontecimentos relativos a ordens temporais e históricas distintas entre si. São, por isso, várias as desagregações sociais que se expressam no fragmentário da história local de São Caetano, um dos primeiros territórios da indústria em São Paulo: mundos que se decompõem (o do camponês europeu disposto a viver a transitoriedade da imigração na suposição de retornar à pátria e à aldeia, com recursos, para ali reconstituir o modo de vida que os azares da história inviabilizaram; mas, também, o do caipira, mestiço de branco e índio, privado dos vínculos costumeiros com a terra e o senhor da terra, habitante do lugar desde o século XVIII); e mundos que se compõem (o dos especuladores que descobrem nas artimanhas do mercado imobiliário a natureza lucrativamente diabólica da renda fundiária; o da nova classe de industriais absenteístas que tateia o território do novo modo de produzir a riqueza que é o da fábrica; o da nova realidade tecnológica da ferrovia e do vapor, que altera radicalmente a medida e o sentido do tempo).

A morte, marco do tempo cíclico que se mede pela duração da vida, invade subitamente a vida cotidiana, se cotidianiza e se banaliza na freqüência excessiva dos primeiros tempos, quase diária; violenta a diversidade das alternâncias no correr da vida — desfigura a natureza do tempo das sociedades tradicionais, lento, demorado. É verdade que depois de alguns anos, a festa retoma temporariamente sua função demarcatória do tempo, induzida de fora pelo vigário do Brás, pelos comerciantes do Brás e, sobretu-

do, pela companhia ferroviária. Já não é mais a festa camponesa, senão na aparência. É uma festa preambular do moderno, em que se misturam a missa cantada, os fogos de artifício, os leilões de prendas, a ferrovia com sua máquina a vapor, seus ritmos e horários precisos, de minutos (não mais dos anos e meses e das estações). É a ferrovia que assegura o vigor da festa: três mil romeiros para uma população local de cerca de trezentos habitantes e até menos.

Mas a festa rural, que durava uma semana inteira, só era possível no interstício do ano agrícola, julho, agosto. E dependia em grande parte, como sempre ocorre nas celebrações camponesas, da fartura e da boa colheita. É significativo que o padroeiro da antiga capela local, entronizado pelos monges beneditinos na primeira metade do século XVIII, quando fundaram sua fábrica de telhas e tijolos, o patriarca São Caetano, patrono do pão e do trabalho, tenha perdido seu lugar no imaginário religioso da população local justamente quando ocorre a crise agrícola e surgem as primeiras fábricas. O ano de 1888, que parece ser o limite da grandiosidade da Festa de São Caetano, assinala o marco que separa os mundos de camponeses e de operários, do campo e da fábrica. Os parreirais do Núcleo Colonial são atacados pela filoxera, uma praga procedente de parreiras da Moóca. A produção de uva e vinho cai drasticamente a pouco mais de um quarto da produção normal. Colonos começam a vender suas terras a preços ínfimos para especuladores e pouco depois, já na década de noventa, as primeiras indústrias são instaladas em São Caetano, nessas terras obtidas a preços de nada.

Os azares agrícolas se combinam com a loucura especulativa do surto econômico do chamado Ensilhamento, que veio pouco depois da proclamação da República. São Caetano foi um dos lugares diretamente atingidos por essa loucura: industriais principiantes e absenteístas compram as terras que os colonos vendiam por muito menos do que valiam para montar as primeiras fábricas. Em poucos anos, ainda no meio de roças e plantações de uva e de batata, três foram montadas; empresas que se poderia classificar no setor químico, produtoras de resíduos nocivos ao

ambiente: a Fábrica de Formicida Paulista, a Fábrica de Sabão e Graxa Pamplona e a Refinação de Açúcar e Destilaria de Bebidas e Licores do Banco União, todas na década de noventa. Na década de vinte, do século XX, o rio dos Meninos já será considerado um rio poluído, de águas inservíveis para o consumo humano.

Os primeiros operários são recrutados entre os colonos empobrecidos. A festa de uma semana inteira de celebração já não era possível. O tempo agora é o tempo do capital industrial e do salário; é o tempo das horas e minutos. Não é mais o tempo de semear e colher, e de esperar — o tempo da fartura.

Como se vê nesta cronologia, a doença e a morte voltam a invadir o ciclo da festa, que é a contrapartida da morte, que anuncia em diferentes momentos a longa duração da história. A doença e a morte foram a contraparte do amplo movimento de conversão de camponeses em proletários potenciais, confinados na antesala da industrialização e do desenvolvimento capitalista, decorrente da mutilação de seus costumes, de seus meios e poderes para ter algum domínio sobre a vida e sobre a morte. É significativo que a fundação da Società di Mutuo Soccorso "Principe di Napoli" tenha ocorrido em 1892, já na época do Ensilhamento, significativo reconhecimento e atestado das transformações que ocorriam, da pobreza que chegava, das doenças que se difundiam. Era preciso assegurar a cada morador os benefícios da caridade coletiva nas horas mais duras da miséria, da doença e da morte.

A doença e a morte foram os instrumentos que a história, neste caso e no da industrialização em São Paulo, empregou para demolir a festa e seu lugar no processo de reprodução da sociedade tradicional e camponesa. A circunscrição da festa ao episódico, ocasional e eventual, aos azares de uma seqüência de tempo já dominada por outra lógica, a do tempo linear do mercado, do dinheiro e do trabalho para o alheio fez com que a festa, sinal positivo desse tipo de historicidade, fosse capturada pelo negativo, pela morte quantitativamente exacerbada. Foi como se o ciclo da vida ficasse incompleto, interrompido, e interrompida a temporalidade própria da sociedade camponesa.

A exacerbação da morte foi a forma dolorosa de anunciar

e impor a nova temporalidade e a nova realidade de uma sociedade constituída de biografias que se interrompem, não raro precocemente, com a cessação da vida individual, de vidas que já não se desdobram na vida das gerações seguintes, na durabilidade das mentalidades, das concepções, das esperanças. A sociedade se torna moderna, limitada ao episódico. O tempo do chamado progresso é assim, igual, repetitivo, não cíclico, linear; tempo em que tudo tende a se tornar equivalente. No dia a dia tudo se confunde com o imediato, tudo se torna ocasional: o trabalho de todos os dias, mas também a morte de uma vez na vida; os gestos banais da sucessão dos dias e os gestos solenes das horas litúrgicas do nascer e do morrer.

Curiosamente, a classe operária de São Paulo não encontrou no Santo da Divina Providência, São Caetano, o patrono de suas devoções e o alívio de suas aflições. No mesmo período, em Buenos Aires, que passava por um processo histórico semelhante, o da imigração e da industrialização, esse mesmo santo se tornou o centro de uma poderosa devoção popular. Hoje o santuário de São Caetano é o grande centro de romarias da capital argentina, dos pobres e desempregados. No Núcleo Colonial, a devoção popular se deslocou rapidamente para Santo Antônio de Pádua: à medida em que os colonos se tornavam operários passaram a cultivar mais intensamente uma devoção camponesa e abandonaram quase subitamente o santo da devoção operária, embora ele também fosse italiano. No meu modo de ver, isso se explica pelo fato de que o arcebispado de São Paulo manifestou muito pouco interesse pelo imigrante enquanto personagem de uma nova realidade social e religiosa. É significativo que a criação da Irmandade de São Caetano tenha sido feita segundo as velhas regras do catolicismo colonial. O interesse pelos colonos veio dos missionários italianos chegados a São Caetano já na década de oitenta. Eles traziam as devoções da nova onda de religiosidade do catolicismo romanizado, avesso ao remanescente catolicismo colonial e brasileiro. Essas novas devoções estavam centradas no culto ao Sagrado Coração de Jesus e à Virgem Maria e a santos populares na própria Itália, geralmente santos locais

ou regionais (Santo Antônio, no Vêneto, Nossa Senhora de Aqueropita, na Calábria, São Vito, São Genaro e Nossa Senhora de Casaluce, também no sul) que melhor expressavam os sentimentos regionalistas de um imigrante que, não raro, sequer falava italiano. Essa reorientação religiosa estava relacionada com a ideologia da emigração, cujo centro era a elaboração e afirmação da italianidade, uma necessidade ideológica característica da Itália pós-*Risorgimento*, dilacerada pela guerra e também pela grande diversidade de dialetos e de culturas. O catolicismo romanizado foi um dos instrumentos da italianidade e teve nos Salesianos e nos Carlistas alguns de seus missionários mais importantes. Essas duas congregações religiosas foram sucessivamente responsáveis pela catequese e pelos serviços religiosos em São Caetano.

Os desencontros desta cronologia constituem um documento fundamental sobre o parto da História no âmbito do imediato e do vivido. Um documento de como o lento surgimento da vida cotidiana na sociedade do planalto demoliu costumes e concepções e inaugurou um modo de viver pautado pela falta de sentido e pela falta de um elo inteligível entre um ato e outro, uma ocorrência e outra, um acontecimento e outro; pautado, enfim, pela desfiguração, pelo empobrecimento e pelo evanescer da memória coletiva.

OS DIAS E AS HORAS

24/09/1874 É feito, neste dia, um primeiro relatório sobre o estado da Fazenda de São Caetano, dos monges beneditinos, e sobre sua eventual desapropriação pelo governo imperial para nela instalar um núcleo colonial destinado a imigrantes estrangeiros. As terras são consideradas terras de mantimentos. São arrolados vizinhos e foreiros da Fazenda, cujas famílias aí viviam desde o século XVIII, pelo menos, como se vê especialmente nos recenseamentos de 1765 e de 1780. Seu direito preferencial às terras ocupadas será reconhecido mais tarde. Nela “há bonitos pés de café e fruteiras. As casas e capela (...) são construídas de taipa e conservam-se boas, salvo pequenos reparos...”

14/08/1876 O Conselheiro Bernardo Nascentes de Azambuja, inspetor geral de terras e colonização, incumbe o Dr. José Cupertino Coelho Cintra de dirigir-se a São Paulo e examinar as fazendas da capital da província nas quais se projeta a criação de núcleos coloniais. Da visita, resultará a fundação dos núcleos de Santana e Glória, em próprios nacionais, e de São Caetano e São Bernardo, em fazendas compradas à Ordem de São Bento.

02/09/1876 José Cupertino Coelho Cintra, do Instituto de Terras e Colonização, visita a Fazenda de São Caetano e diz que nela existem poucas matas e capoeiras, que o solo é coberto de pastos nativos, inçados de cupins.

21/09/1876 Tomás Coelho envia, do Rio de Janeiro, telegrama ao presidente da província de São Paulo pedindo uma declaração escrita do Abade de São Bento de que concorda com a desapropriação das Fazendas de São Caetano (do século XVII), São Bernardo (do século XVII) e Jurubatuba (do século XVIII).

30/12/1876 O Ministério da Agricultura ordena à Diretoria Geral das Terras e Colonização que seja proposto o engenheiro que será incumbido da medição das terras compreendidas na Fazenda de São Caetano, e outros estabelecimentos, e sua divisão em lotes para colonos.

.../02/1877 O ministro da Agricultura nomeia uma comissão para tratar da fundação das colônias que seriam instaladas no mesmo ano: Santana, Glória, São Bernardo e São Caetano, todas na capital de São Paulo.

.../02/1877 Sebastião José Pereira, presidente da província de São Paulo, é autorizado a efetuar a compra das Fazendas de São Caetano e de São Bernardo, pertencentes ao Mosteiro de São Bento, para serem divididas em lotes e os lotes destinados a imigrantes.

30/06/1877 Os emigrantes italianos que embarcariam para o Brasil no dia seguinte e seriam destinados aos núcleos coloniais de São Caetano e de Santana, assinam, em Gênova, um documento de ciência das condições em que seriam recebidos na província de São Paulo. No documento assinado por Giovanni Peruch, é mencionado, como agenciador dos colonos, Caetano Pinto Jr., que se tornaria um dos mais importantes traficantes de mão-de-obra para as fazendas de café de São Paulo, mediante contrato com o governo.

A viagem dos imigrantes destinados a São Caetano

01/07/1877 Neste domingo, parte de Gênova (Itália) o vapor "Europa", de propriedade de G. B. Lavarello & Cia., sob comando do Capitão Vianello, trazendo 98 famílias de imigrantes vênets para São Paulo, recrutados por Caetano Pinto Jr., que para isso fora contratado pelo governo brasileiro. Parte deles, oriunda de Cappella

Maggiore, viria para São Caetano. O jornal *Diário de São Paulo* publica a notícia, comentando que "a questão é os homens acomodarem-se entre nós. Convém, portanto, que se dêem providências no sentido de captar-lhes as boas graças, fixando-os aqui." O navio faz escalas em Cádiz (Espanha), no dia 5, e na Ilha de São Vicente, em Cabo Verde, no dia 11, para abastecimento de carvão. Chegaria a Buenos Aires no dia 27. Deve ter aportado em Santos no dia 24 de julho. Esse vapor fora lançado ao mar, em Newcastle (Inglaterra), em 27 de fevereiro de 1872 e seria desmontado em 1893.



Cappella Maggiore em dia da procissão da Festa do Rosário, no fim do século XIX. Dessa localidade e das localidades vizinhas de Sármede, Rugolo e Montaner procedem os imigrantes que vieram para São Caetano em 1877

05/07/1877 É passada, no Cartório do 1.º Ofício da Capital (Livro de Notas 86, fl. 172), a escritura pela qual a Ordem de São Bento vende ao governo imperial as fazendas de São Caetano, São Bernardo e Jurubatuba. O governo paga por elas a ínfima quantia de Rs. 16:000\$000 (dezesseis contos de réis).

Fundação do Núcleo Colonial de São Caetano

28/07/1877 Na tarde deste dia, com a presença de Sebastião José Pereira, presidente da província de São Paulo, são recebidas e instaladas na casa grande e nas senzalas da antiga Fazenda de São Caetano as vinte e oito famílias de imigrantes vênéticos que fundam o núcleo colonial, no município de São Paulo. São cabeças dessas famílias: Antonio Daffré, Antonio Gallo, Antonio Garbelotto, Antonio Martorelli, Celeste De Nardi, Celeste Pantallo, Domenico Bottan, Domenico Perin, Eliseo Leone, Francesco Bortolini, Francesco De Martini, Francesco Fiorot, Gaetano Garbelotto, Gaetano Garbelotto Filho, Giacomo Dal' Cin, Giacomo Garbelotto, Giovanni De Nardi, Giovanni Moret, Giovanni Peruch, Giovanni Tomé, Giuseppe Braido, Giuseppe De Savi, Luigi D'Agostini, Modesto Castelotti, Natale Furlan, Paolo Martorelli, Pietro Pessot, Tommaso Tomé.



Celeste De Nardi, chegado em 1877, e sua família em 1906. (Acervo do Museu Histórico Municipal)



Luigi D'Agostini e sua esposa Giovanna D'Agostini, chegados em 1877. (Coleção da família Scarparo)



Eugenia, Martino e Francesco De Martini, chegados a São Caetano em 1877. (Acervo do Museu Histórico Municipal, doação de Armando Lopes)

04/08/1877 Leopoldo José da Silva, encarregado do serviço de colonos, informa ao presidente da província que, das famílias vindas no vapor "Europa", parte veio para São Caetano e parte foi para o núcleo colonial de Santana. Alguns de São Caetano quiseram ir para Sta. Catarina, sendo-lhes mostrado que isso é impossível porque se comprometeram por escrito com o governo a ir para onde este determinasse.

05/08/1877 O jornal *A Província de São Paulo* noticia que, dos 150 colonos instalados na colônia de São Caetano nos últimos dias do mês de julho, 120 mostraram-se pouco satisfeitos e querem ser transferidos para a província de Sta. Catarina.

06/08/1877 O presidente da província, Sebastião José Pereira, pede à Câmara Municipal da Capital a construção de um cemitério, às custas do governo, no núcleo de São Caetano, onde já existe decente capela. Nas primeiras semanas após a chegada dos colonos, foi alta a mortalidade em São Caetano: um falecimento a cada 3 dias.

07/08/1877 O jornal *Diário de São Paulo* contesta notícia publicada no jornal *A Província de São Paulo* sobre descontentamento de colonos instalados em São Caetano. Diz que apenas três chefes de família foram a São Paulo fazer reclamações que não tem fundamento.

15/08/1877 O bacharel Leopoldo José da Silva, encarregado do serviço de colonos em São Caetano, comunica à imprensa que foram enviados para a Côrte, a cidade do Rio de Janeiro, 21 imigrantes dos que se achavam em São Caetano, visto não quererem terras nesse lugar e sim em Sta. Catarina. Isso ocorreu apenas 19 dias após a chegada dos imigrantes vênets a São Caetano. Uma semana após a instalação do núcleo colonial, já surgira o descontentamento entre colonos, que não queriam ficar na localidade. Inicialmente, Leopoldo José da Silva tentara convencê-los de que a transferência era impossível, devido ao con-

trato que fizeram com o governo brasileiro. Os jornais chegaram a polemizar a respeito do número de colonos insatisfeitos, que desejavam transferência. Finalmente, o encarregado do núcleo enviou-os para o Rio de Janeiro, a fim de que fossem transferidos para Sta. Catarina. E diz: "Foi uma medida bem acertada, pois o contrário só prejudicaria a ordem estabelecida para o bem-estar dos que ficam, que se acham satisfeitos."

29/08/1877 A Comissão Permanente da Câmara Municipal de São Paulo dá parecer favorável à construção de um cemitério em São Caetano, atendendo pedido de Sebastião José Pereira, presidente da província.

10/10/1877 Giuseppe Ferrari, nascido em 1844, recebe em Mantua passaporte para viajar com a família para o Brasil. Viria para São Caetano. Faleceria em 1897. Era casado com Da. Prima Reza-chi Ferrari.

15/10/1877 O Padre Tomás Inocência Lustosa, vigário de São Bernardo, onde é proprietário de terras, escreve a Antonio Vieira de Castro Jr., encarregado do serviço de colonos do núcleo colonial, informando que não mais poderá aceitar cadáveres provenientes de São Caetano no cemitério de sua Freguesia. Até 20 de outubro desse ano, faleceram 18 pessoas no núcleo colonial, mais de 10% da população.

20/10/1877 O bacharel Leopoldo José da Silva, diretor do Núcleo Colonial de São Caetano, descreve a sede da Fazenda onde já estão instalados os colonos: "uma casa regular com bastantes compartimentos, situada dentro de um pátio cercado por muros de construção de taipa, tendo de um lado 12 pequenos quartos separados da casa principal por uma capela. Todas estas acomodações tem sido conservadas e se acham alojados (nelas) imigrantes que destinam-se para este núcleo..." É o sítio ao redor da atual Matriz Velha. A casa-grande, a capela e a senzala eram construções originais do início do século XVIII.

20/10/1877 Desde o dia 28 de julho, entraram no Núcleo Colonial de São Caetano 156 pessoas, saíram 21, nasceram 4 e morreram 18. População dos colonos nesta data: 121 pessoas.

24/10/1877 O historiador Manuel Eufrásio de Azevedo Marques, autor dos *Apointamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo*, que seria publicado em 1879, dirige uma carta ao presidente da província de São Paulo, Sebastião José Pereira, oferecendo ao governo, mediante o pagamento de Rs. 1:000\$000 (um conto de réis), informações e cópias de documentos sobre as terras da antiga Fazenda de São Caetano, "obtidas à força de longas e aturadas pesquisas e escavações".

09/11/1877 Sebastião José Pereira, presidente da província, volta a insistir com a Câmara Municipal de São Paulo para que determine a construção de um cemitério em São Caetano. Já havia feito um pedido no dia 6 de agosto, aprovado pela Câmara a 29 do mesmo mês.

12/11/1877 João Floriano de Toledo, de família de moradores muito antigos do Bairro de São Caetano (atuais regiões da Vila Barcelona e do Bairro Sta. Maria) faz um pedido a Leopoldo José da Silva, encarregado do núcleo colonial, que dá parecer favorável a seu atendimento, encaminhando-o ao presidente da província. O documento mostra que os antigos posseiros do lugar, anteriores à chegada dos colonos, também ficaram sob jurisdição dos funcionários da colonização, com a vinda dos imigrantes italianos. Em dezembro de 1878, seriam determinadas pelo governo a medição e legitimação das terras ocupadas por antigos posseiros e foreiros da Ordem de São Bento na Fazenda de São Caetano, entre eles João Floriano de Toledo.

04/12/1877 No Cemitério Municipal de São Paulo, depois Cemitério da Consolação, "foi sepultado (...) o cadáver do colono Perin Domenico, de 56 anos de idade, italiano, casado, falecido

na Colônia de São Caetano de lesão orgânica do coração." O Reverendo Vigário Gaudêncio Antônio de Campos dá o "sepulte-se como pobre". É o primeiro sepultamento de colono de São Caetano no cemitério da Consolação. Antes disso, os colonos eram sepultados no cemitério da Freguesia de São Bernardo, cujo vigário, o Padre Tomás Inocência Lustosa, passou a recusar-lhes o sepultamento a partir de 15 de outubro de 1877, por falta de lugar.

07/12/1877 No Cemitério da Consolação, "foi sepultado no quadro dos Anjos nº. 6, sepultura 161, o cadáver da inocente Ana Maria, de um ano de idade, filha de Pantalo Celeste e sua mulher Pantalo Maria, sendo ditos italianos da imigração[,] Núcleo de São Caetano, falecida de catarro sufocante. (...) ...o sepulte-se não está como pobre, porém o atestado alega pobreza e por [isso] vai como pobre do Rdo. Vigário Eugênio Dias Leite."



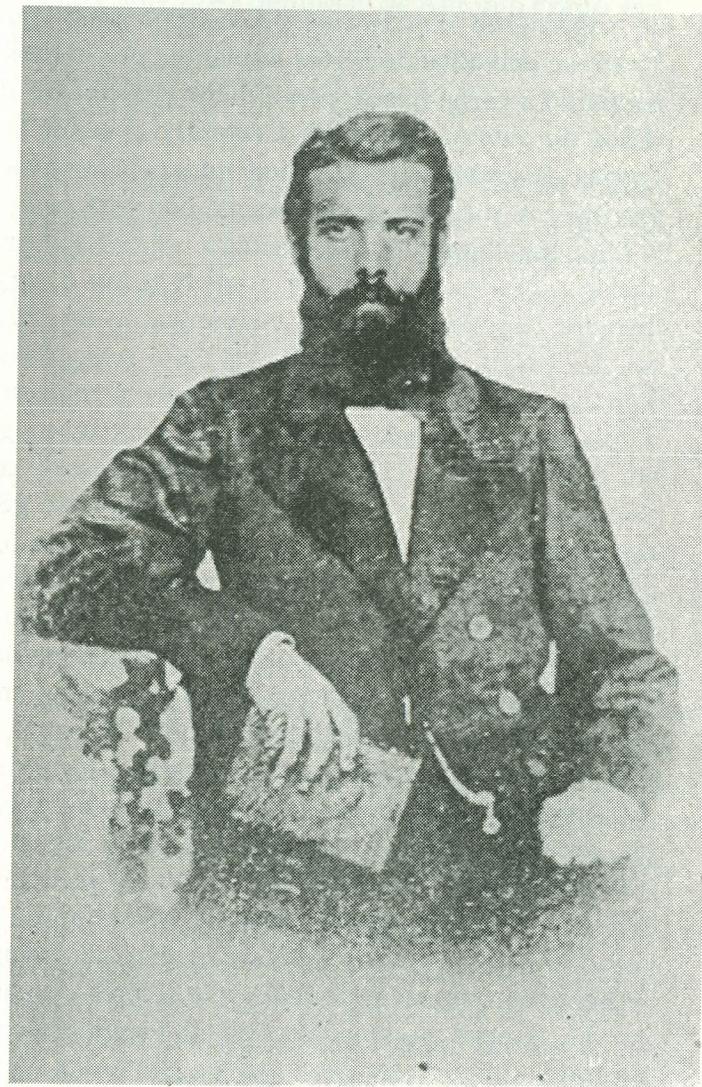
Cemitério da Consolação, em São Paulo, no século XIX, onde foram sepultados os colonos falecidos em São Caetano a partir de outubro de 1877, quando o vigário de São Bernardo proibiu que esses sepultamentos fossem feitos no cemitério de sua freguesia, por falta de espaço, até 1892. (Foto de Militão Augusto de Azevedo. Acervo do Museu Paulista)

Segunda leva de imigrantes

04/01/1878 Chegam as onze famílias da segunda leva de imigrantes italianos destinados ao Núcleo Colonial de São Caetano, as de Dionisio Madella, Filippo Roveri, Francesco Coppini, Giuseppe Carnevalli, Giuseppe Ferrari, Luigia Coppini, Isacco Coppini, Luciano Gennari, Luigi Baraldi, Pasquale Cavanna, Primo Secondo Baraldi. Novas levas chegariam em 1879, 1882, 1884, 1887, 1888, 1889 e 1890, quando entra no Núcleo Colonial o último colono. Na leva de 1879, chegarão as famílias de Domenino Visentini, Eugenio Modesto, Francesco Antonio Modesto e Pietro Visentini; na de 1882, as de Antonio Grecco, Emilio Rossi e Marino Dall'Antonia; em 1884, a de Martino Giuseppe Pin; na leva de 1887, as de Angelo Fiorot, Angelo Santi, Antonio Bottan, Antonio De Cal, Antonio Perin, Augusto Scottà, Giovanni Lorenzon, Giovanni Tonucci, Luigi Fiorot, Paolo Poletto, Pietro Meneghel, Santo Basso, Santo Gava, Sebastiano Lasso e Vincenzo Santoro; em 1888, a de Giovanni Maria Lorenzon; em 1889, a de Giovanni Giacomini; na leva de 1890, as de Alessandro Domenico, Antonio Da Ros, Domenico Da Ros, Francesco Pizzolli, Giovanni Minaré, Girolamo Pizzolli.

10/01/1878 O vereador Antônio da Silva Prado justifica sua ausência da sessão da Câmara Municipal de São Paulo, realizada às 10 h da manhã, por ter sido chamado a serviço urgente da colonização na Colônia de São Caetano. Grande fazendeiro e, mais tarde, banqueiro e industrial, será depois senador e ministro do Império. Membro ativo do Partido Conservador, será o grande ministro da Abolição da escravatura, que encaminhará, no Parlamento e no governo, o fim da escravidão negra no Brasil. Quando veio a São Caetano, o fez na condição de

inspetor voluntário e gratuito da imigração, função que exercia há algum tempo. Será o responsável, também, pela reativação do núcleo colonial, em 1886, abandonado pelo governo desde 1880.



Antônio da Silva Prado, em 1861

Revolta dos colonos de São Caetano

10/01/1878 Revolta dos colonos de São Caetano. Nesta manhã de quinta-feira, os colonos de São Caetano se revoltam por falta de fornecimento de víveres e por falta de pagamento das diárias prometidos pelo governo. Viram-se privados de certos alimentos por alguns dias, passando a carne fresca, pão e milho cozido. Em decorrência da revolta, vem a São Caetano o chefe de Polícia. Tropas são embarcadas em São Paulo, pela ferrovia, para reprimi-los, mas seu desembarque não será necessário. É, também, chamado com urgência o vereador Antônio da Silva Prado, que exercia gratuitamente o cargo de Inspetor Especial de Terras e Colonização da Província de São Paulo. Houve revolta também nos núcleos de Santana e de São Bernardo. Na emergência, o presidente da província, que estava nos últimos dias de seu governo, pediu a Antonio Proost Rodovalho, grande comerciante da cidade de São Paulo, que fornecesse gêneros aos imigrantes. A tesouraria da província começara a opor obstáculos burocráticos ao pagamento de contas e de subsídios aos núcleos coloniais da Capital. Alegava que o diretor das colônias, o engenheiro Leopoldo José da Silva, não havia prestado contas de retiradas anteriores, não havendo possibilidade de liberar novos recursos. A situação ficou mais grave porque o fornecimento de alimentos aos colonos havia sido posta em concorrência, sendo vencedor o comerciante Enrico Scuvero, cujo contrato entrara em vigor no dia 1º de dezembro de 1877. Desde então, alguns gêneros dobraram de preço, como o feijão e o arroz, causando grande prejuízo ao fornecedor, que, além do mais, não recebia do governo, em dia, os seus pagamentos. Por essa razão, rescindiu o contrato. Convém lembrar que os alimentos não eram fornecidos gratuitamente aos colonos. O respectivo valor

era descontado das diárias a que estava obrigado o governo e dos salários que recebiam por trabalhos que realizavam na abertura de estradas e construção de alojamentos. O problema permanecerá sem solução nos meses seguintes, provocando nova manifestação dos colonos de São Caetano e a demissão de Antonio Prado, em maio de 1878.

27/01/1878 No Cemitério da Consolação, "foi sepultado no quadro dos Anjos pequenos n.º 1, sepultura n.º 37, o cadáver do menor Carnevalli Pietro, de 1^{1/2} ano de idade, filho de Carnevalli Giuseppe e Fregesi Carnevalli Rosa, imigrante[s] do núcleo de São Caetano, naturais de Itália, com autorização do Exmo. governo da Província vem ser sepultado no Cemitério municipal, falecido de enterocolite, como tudo consta da certidão passada pelo escrivão do Juízo de Paz da Paróquia do Brás e o sepulte-se como pobre do Rdo. Vigário Eugênio Dias Leite".

05/02/1878 João Batista Pereira, novo presidente da Província de São Paulo, sucessor de Sebastião José Pereira, condena os métodos adotados na colonização de São Caetano, iniciada no ano anterior. Considerou infeliz a escolha desse lugar, e de outros, como São Bernardo, Glória e Santana, no governo de Sebastião José Pereira. O novo presidente da província entendia que os lugares escolhidos não eram adequados e que as terras não eram boas. Chegaria a visitar colônias particulares, de fazendeiros do interior, para onde pretendia transferir os imigrantes.

08/02/1878 No Cemitério da Consolação, "foi sepultado no quadro dos Anjos pequenos n.º 1, sepultura n.º 46, o cadáver da menor Emília Ferrari, de 7 meses de idade, filha de Ferrari Giuseppe, natural de Itália, imigrante do Núcleo de São Caetano, pelo atestado do Dr. Jayme Serva, faleceu de marasmo, como tudo consta da certidão passada pelo escrivão do Juízo de Paz da

Paróquia do Brás e o sepulte-se como pobre do Rdo. Vigário Eugênio Dias Leite." Emília nascera a 28 de maio de 1877, na Itália.

16/02/1878 O Dr. Jayme Soares Serva comunica ao presidente da província, João Batista Pereira, que rescindiu contrato para servir como médico dos núcleos coloniais da Glória, São Bernardo, Jurubatuba e São Caetano. Sugere um médico só para Glória e São Caetano.

21/02/1878 No Cemitério da Consolação, "foi sepultado no quadro dos Anjos do médio nº. 4, sepultura nº. 99, o cadáver da menor Virgínia Madella de 4 anos e meio, de idade, filha dos imigrantes Italianos Madella Dionisio e Madella Maria, falecida na Colônia de São Caetano, de anazarca (*sic*) segundo o atestado do profissional doutor Jayme Serva, como tudo consta da certidão passada pelo escrivão do Juízo de Paz da Paróquia do Brás e o sepulte-se como pobre do Rdo. Vigário Eugênio Dias Leite."

22/02/1878 No Cemitério da Consolação, "foi sepultado no quadro dos Anjos pequenos nº. 1, sepultura nº. 62, o cadáver da menor Erminia Coppini, de 18 meses de idade, filha de Coppini Francisco e de Coppini Luiza, imigrantes do Núcleo de São Caetano, naturais de Itália, falecida de diarreia, segundo o atestado do doutor Jayme Serva, como tudo consta da certidão passada pelo escrivão do Juízo de Paz da Paróquia do Brás e o sepulte-se como pobre do Rdo. Vigário Eugênio Dias Leite."

23/02/1878 Epidemia de tifo chega a São Caetano. O diretor do núcleo colonial informa ao presidente da província que há em São Caetano 23 doentes, sendo 11 com oftalmia purulenta, 4 com febre tifóide, 4 com diarreia e os demais com reumatismo, gastralgia, marasmo e lesão cardíaca. Devido aos quatro casos de tifo, julga necessária a visita de médico. Como o médico dos núcleos coloniais, Dr. Jayme Serva, rescindira o contrato de assis-

tência aos colonos na semana anterior, o presidente da província comissiona o Dr. Flávio Augusto Falcão para visitar os doentes e dirigir o tratamento. O tifo não progrediu.

13/03/1878 No Cemitério da Consolação, "foi sepultado no quadro geral nº. 2, sepultura nº. 81, o cadáver de Angelo Felice, de 57 anos de idade, casado, colono do Núcleo de São Caetano, Italiano, faleceu de lesão orgânica do coração, segundo atestado do doutor Augusto Falcão, como tudo consta da certidão passada pelo escrivão do Juízo de Paz da Paróquia do Brás e o sepulte-se como pobre do Rdo. Vigário Eugênio Dias Leite."

30/03/1878 No Cemitério da Consolação, "foi sepultado no quadro dos Anjos pequenos nº. 1, sepultura nº. 87, o cadáver da menor Maria, de 19 meses de idade, filha dos imigrantes italianos do Núcleo de São Caetano, sendo seus pais Martorelli Antonio e Martorelli Angela, faleceu de entero-colite, segundo atestado do doutor Jayme Serva, e veio ao Cemitério municipal por deliberação do Presidente da Província, como tudo consta da certidão passada pelo escrivão do Juízo de Paz da Paróquia do Brás e o sepulte-se como pobre do Rdo. Vigário Eugênio Dias Leite."

.../04/1878 São recenseados 161 colonos em São Caetano.

04/04/1878 Descontentamento dos colonos de São Caetano. Nesta 5ª. feira, cerca de vinte colonos de São Caetano vieram reiterar suas reclamações perante o vice-cônsul italiano. Este enviou-os ao sr. presidente da província. O motivo da manifestação é o mesmo que motivara a revolta dos imigrantes do núcleo colonial no mês de janeiro: falta de pagamento dos salários devidos aos colonos e falta de alimentos. A ida dos colonos ao presidente da província, João Batista Pereira, será desmentida depois.

09/04/1878 O Dr. Jayme Soares Serva pede a nomeação de um médico exclusivamente para os núcleos coloniais de São Caetano e da Glória.

13/04/1878 No Cemitério da Consolação, “foi sepultado no quadro dos Anjos pequenos nº. 1, sepultura nº. 99, o cadáver da menor Maria, de 9 meses, apesar de estar na certidão 9 anos, de idade, filha do colono italiano Peruch Giovanni e Peruch Teresa, pertencente o Núcleo de São Caetano, faleceu de disenteria, anteontem, às 11 horas da noite, conforme atestado do Doutor Epiphanio Loureiro. Como tudo consta da certidão passada pelo escrivão do Juízo de Paz da Paróquia do Brás e o sepulte-se grátis do Rev. Pároco Pe. Cincimut.”

14/04/1878 No Cemitério da Consolação, “foi sepultado no quadro dos Anjos grandes nº. 1, sepultura nº. 77, o cadáver do menor Luís Genari, de 8 anos de idade, falecido anteontem às 7 horas da manhã, em o Núcleo de São Caetano, é filho de Genari Luciano e Genari Marcella, colonos italianos, falecido de disenteria (*sic*) conforme atestado do Doutor Epiphanio Lourenço, como tudo consta da certidão passada pelo escrivão do Juízo de Paz da Paróquia do Brás e o sepulte-se como pobre do Rdo. Vigário Eugênio Dias Leite.”

29/04/1878 São denunciados 9 casos de varíola em São Caetano, descobertos por José Luiz Fláquer, entre brasileiros que vivem no bairro Ressaca, onde é hoje a Vila Barcelona. Uma epidemia de varíola já ocorrera na Fazenda de São Caetano, em 1761-1762.

01/05/1878 No Cemitério da Consolação, “foi sepultado no quadro dos Anjos grandes nº. 1, sepultura nº. 81, o cadáver do menor Ernesto Baraldi, de 6 anos de idade, falecido anteontem, às 9 horas da noite, proveniente de Angina, no Núcleo de São Caetano, conforme atestado do Dr. Epiphanio Loureiro e o falecido é filho dos imigrantes Baraldi Luiz e Baraldi Luiza, como tudo consta da certidão passada pelo escrivão do Juízo de Paz da Paróquia do Brás e o sepulte-se como pobre do Rdo. Vigário Eugênio Dias Leite.”

06/05/1878 O médico Epiphanio Silva Loureiro visita umas casas situadas entre São Caetano e São Bernardo, onde há 9 pessoas com varíola. A doença se limita à casa de Inácio José Rodrigues, no lugar chamado Ressaca (Barcelona) a 4-5 km do núcleo de São Caetano.

16/07/1878 No Cemitério da Consolação, “foi sepultado no quadro dos Anjos pequenos nº. 2, sepultura nº. 29, o cadáver do inocente Carnevalli Gaetano de 6 dias de idade, filho do imigrante italiano Carnevalli Giuseppe e Carnevalli Rosa, falecido ontem às 2 horas da tarde, em o Núcleo de São Caetano, por determinação do Exmo. Presidente para ser sepultado neste Cemitério [;] o falecimento não consta a molestia, como tudo consta da certidão passada pelo escrivão do Juízo de Paz da Paróquia do Brás, e não veio com o sepulte-se do Pároco, e vai como pobre.”

Visita do Imperador Dom Pedro II

28/09/1878 Visita imperial a São Caetano. Após o almoço, o Imperador D. Pedro II visita por uma hora o Núcleo Colonial de São Caetano, inaugurado há pouco mais de um ano, a 28 de julho de 1877. Faz uma viagem de 15 minutos, em trem especial, tendo saído de São Paulo às 15h30. Pouco antes, havia recebido cartas da Europa e um bilhete da Condessa (trata-se, provavelmente, da Condessa de Barral, com quem o Imperador mantinha uma amizade muito próxima). Retorna a São Paulo às 5 h da tarde. Em seu Diário, D. Pedro II anotou às pressas: “3^{1/2} Estrada-de-ferro de Santos a São Caetano — colônia, do governo, de italianos — 1/4 d’hora — 162 estabelecidos [;] os mais antigos há pouco mais de ano. Parece que prosperaram plantando cereais. Convém que tenham melhores casas. Estão contentes. 5 h [,] de volta.” É sábado.

03/12/1878 O governo suspende o fornecimento de víveres aos colonos de São Caetano. Tendo, porém, em vista o estado das plantações, concede-lhes uma diária durante 6 meses a contar de hoje: sendo de 400 réis para os maiores de 10 anos, e de 240 réis para os menores de 10 e maiores de 2 anos.

Lista oficial dos colonos de São Caetano

05/12/1878 Leopoldo José da Silva apresenta ao presidente da província a lista oficial dos chefes de família instalados no Núcleo Colonial de São Caetano: Eliseo Leone, Giovanni Peruch, Natale Furlan, Modesto Castelotti, Giacomo Dalcin, Celeste Pantalo, Antonio Daffrè, Francesco Bortolini, Giuseppe De Martini, Giovanni Moret, Giuseppe De Savi, Francesco Fiorot, Domenico Botton, Gaetano Garbelotto, Gaetano Garbelotto Filho, Giuseppe Perin, Antonio Gallo, Giuseppe Braidó, Antonio Garbelotto, Luigi D'Agostini, Giovanni De Nardi, Antonio Martorelli, Tomaso Tome, Giovanni Tome, Pietro Pessotti, Francesco De Martini, Luigi Baraldi, Catarina Anneguelli, Dionisio Madela, Filippo Roveri, Pasquale Cavanna, Francesco Coppini, Luciano Genari, Giuseppe Ferrari, Giuseppe Carnevalli.

29/12/1878 São expedidas instruções ao engenheiro Leopoldo José da Silva para que verifique, em São Caetano, a superfície dos terrenos ocupados por indivíduos que não são colonos e o título de posse ou ocupação, calculando o preço de 4,84 m², conforme a situação e qualidade deles. É-lhe determinado, ainda, que mande abrir estradas e melhorar a estrada que vai para São Bernardo, além de prolongar os caminhos, zelar pela capela, pelos edifícios adjacentes a ela e estradas e caminhos existentes.

.../.../1879 Henrique Raffard, escritor e membro do Instituto

Histórico e Geográfico Brasileiro, visita São Caetano. A *Revista do Instituto* publicará depois um relato com referências a essa visita, sob o título de *Alguns Dias na Paulicéia*.

08/03/1879 No Cemitério da Consolação, "foi sepultado no quadro dos Anjos dos médios n.º 1, sepultura n.º 23, o cadáver do inocente Jozão (*sic*) Fiorot, de um ano e meio de idade, falecido ontem a uma hora da manhã, de diarreia, filho do[s] súdito[s] italiano[s], imigrantes do Núcleo de São Caetano, Francisco Fiorot e Maria Fiorot, segundo atestado do Dr. João Eboly, como tudo consta da certidão passada pelo escrivão do Juízo de Paz da Freguesia do Brás e o sepulte-se como pobre do Rdo. Vigário Eugênio Dias Leite."

09/03/1879 No Cemitério da Consolação, "foi sepultado no quadro dos Anjos dos médios n.º 1, sepultura n.º 24, o cadáver do inocente Bernardo, de 19 meses de idade, filho do colono Agustini Luigi, falecido ontem às 3 horas da tarde no Núcleo de São Caetano, não declarando de que moléstia, no atestado apresentado (...), sofre. Como tudo consta da certidão passada pelo escrivão do Juízo de Paz da Freguesia do Brás e o sepulte-se como pobre do Rdo. Vigário Eugênio Dias Leite."

Criação da Irmandade de São Caetano

08/05/1879 Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, bispo de São Paulo, assina Provisão aprovando os artigos do Compromisso que cria a Irmandade de São Caetano, na Capela do mesmo nome. São fundadores da Irmandade os colonos Celeste Pantalo, Gaetano Garbelotto, Francesco Coppini, Giuseppe Ferrari e Giovanni Peruch. Organizada nos moldes das velhas irmandades religiosas do catolicismo colonial, a Irmandade de São Caetano era composta de "pessoas de ambos os sexos que professem a Religião Católica Apostólica Romana

que sejam de bons costumes... O fim da Irmandade é a adoração do Santíssimo Sacramento e o culto do Senhor São Caetano. O Compromisso declara que as jóias e as anuidades serão destinadas ao fim da Irmandade e ao socorro às viúvas e órfãos dos Irmãos falecidos ou aos que caírem na indigência devidamente reconhecida a necessidade pela mesa. Além disso, a Irmandade terá um caixão decente para conduzir os Irmãos falecidos ao jazigo. Cabe ao provedor e à provedora mandar celebrar missa e mais atos de adoração e festividade no dia do Senhor São Caetano (7 de agosto). Depois dessa missa, anualmente, deve tomar posse a mesa da Irmandade, eleita na véspera."

Emancipação do Núcleo Colonial

03/06/1879 Nesta data é emancipado o Núcleo Colonial de São Caetano, cessando a diária concedida em dinheiro, aos colonos, correspondente à tutela oficial.

19/06/1879 Leopoldo José da Silva, diretor da Colônia, informa ao presidente da província que os colonos de São Caetano querem constituir uma irmandade religiosa e para isso já fizeram as contribuições. Em 1888, existe no núcleo uma Irmandade de São Caetano, que cobra de seus membros a anuidade de Rs. 1\$000.

30/10/1879 Leopoldo José da Silva, diretor do núcleo colonial, comunica ao presidente da província que o colono brasileiro Manuel da Silveira Sampaio, dono do lote nº. 64, em São Caetano, já pagou o respectivo preço e pede que seja expedido o respectivo título. Esse documento mostra que, no Núcleo Colonial de São Caetano, houve, desde muito cedo, proprietários não italianos. Além desse brasileiro, havia um alemão, Hermann

Juncker. No núcleo colonial de São Bernardo foram assentados, em 1877, além de italianos, colonos cearenses e até uma família de índios guarani. Manuel da Silveira Sampaio, porém, não era um verdadeiro colono. Era "testa de ferro" do dentista Samuel Eduardo da Costa Mesquita que por seu intermédio tentava adquirir a baixos preços lotes de terra em São Caetano. Acabaria comprando terras de colonos nas proximidades da atual Praça Ermelindo Matarazzo, nelas incluídas as instalações da antiga fábrica de telhas e tijolos dos Monges de São Bento. Essas terras seriam mais tarde revendidas à família Pamplona e, já neste século, a Francesco Matarazzo.

.../.../1880 Luigi Cavanna inicia a produção de tijolos na sua olaria.

05/02/1880 Laurindo Abelardo de Brito, presidente da província de São Paulo, informa à Assembléia Legislativa Provincial que o Núcleo Colonial de São Caetano está dividido em 54 lotes rurais e 26 urbanos. (Estes últimos estavam distribuídos pelas atuais ruas 28 de Julho e Rio Branco). Tem se estabelecido no núcleo imigrantes atraídos por parentes e amigos. Não há mais lotes disponíveis.

06/09/1880 O diretor do Núcleo Colonial de São Caetano, Leopoldo José da Silva, informa ao presidente da província que o colono Francesco Bortolini recebera o seu lote a 20/5/1878, mas não o cultivava, preferindo tirar lenha e madeira em terrenos alheios.

05/02/1881 Pasquale Cavanna quita uma dívida de Rs. 20\$000 junto à Tesouraria de Fazenda da Província de São Paulo.

11/03/1881 Falece, às 9 h da noite, Sebastião José Pereira, que inaugurara, na tarde de 28 de julho de 1877, o Núcleo Colonial de São Caetano. Foi sepultado no Cemitério da Consolação em jazigo que existiu até há poucos anos, depois demolido para

construção de um estacionamento. Filho de portugueses, foi estudante pobre, tendo se diplomado em direito pela Faculdade de São Paulo, em 1854. Foi professor de português, filosofia e latim. Foi juiz em Guaratinguetá (SP), Alegrete (RS) e na Capital.

23/09/1881 Giovanni Peruch paga ao aferidor da Câmara Municipal de São Paulo a taxa de Rs. 6\$000 correspondente à aferição de uma carroça de taboleiro baixo para hortaliças, aferição essa relativa aos anos de 1881-1882.

02/05/1882 Giovanni Peruch, comerciante em São Caetano, compra de Antonio Proost Rodovalho, grande capitalista de São Paulo, as seguintes mercadorias: uma saca de 60 kg de açúcar redondo (Rs. 20\$000), uma saca de 60 kg de açúcar mascavo (Rs. 16\$800) e uma caixa de querosene (Rs. 9\$500).

27/10/1882 Falece, aos 72 anos de idade, o colono Pasquale Cavanna. Deixa viúva Dona Luigia Cantadori Cavanna. Tem dois filhos: Angelo, nascido em 1842, e Luigi, nascido em 1846. Essa família chegou a São Caetano no início de 1878, tendo recebido seu lote de terra a 26 de junho do mesmo ano. É originária de Magnacavallo, no mandamento de Sermide, província de Mântua (Itália). Começou a providenciar os documentos para emigração em setembro de 1877. Seu lote era limitado pelo rio dos Meninos e pelas atuais ruas Alagoas, Goiás (no trecho que foi a rua Margarido Pires) e Santo Antônio. Pagou por ele, em 1885, Rs. 62\$600 (sessenta e dois mil e seiscentos réis).

29/03/1883 O presidente da província de São Paulo sanciona lei criando duas cadeiras de primeiras letras em São Caetano.

01/04/1883 Um grupo de pessoas invade o sítio de Paulo Hamelin, quebra uma porteira, entope valos e demole uma casa. O sítio ficava em São Caetano, na parte do núcleo colonial que foi depois desmembrada e anexada a São Paulo, onde será mais tarde a Vila Carioca e o Sacomã.

25/04/1883 Giovanni Peruch encomenda, na Oficina Mecânica de A. Sydow, no bairro da Luz, em São Paulo, dois sinos para a nova igreja que se pretende construir em São Caetano, no lugar da capela. Dá um sinal de Rs. 50\$000. Essa igreja seria depois a Matriz Velha.

Inauguração da estação ferroviária

01/05/1883 É inaugurada a estação ferroviária de São Caetano, na São Paulo Railway. A estação inaugurada foi a que constituiu até há poucos anos o edifício e a plataforma do lado da rua Perrella. Foi construída ao lado da passagem de um caminho antigo. Em 1896, a São Paulo Railway anuncia a construção de um novo edifício de passageiros, com plataforma de 120 metros de comprimento, decorrente da duplicação da linha, contratada em 1895 para conclusão em 4 anos. Além disso, será construído um armazém de cargas e quatro casas para os empregados. O armazém de cargas foi demolido há poucos anos para abertura da Praça Anacleto Campanella. As casas ainda existem, perto da estação, entre os trilhos e a rua Perrella.



Casas de empregados da São Paulo Railway, de 1896, quando a ferrovia foi duplicada e foi construída, também, a plataforma do lado sul

12/05/1883 Felicidade Perpétua, professora no bairro de São Caetano, é transferida para a cadeira de primeiras letras do 1º Distrito da Capital.

12/05/1883 A profa. Maria Adelaide do Carmo Machado é transferida da cadeira de primeiras letras da cidade de Atibaia para a de São Caetano.

Os sinos da matriz velha

13/05/1883 Giovanni Peruch e Filippo Roveri vão buscar, na Oficina Mechanica de A. Sydow, no Campo Mauá, junto ao armazém de mercadorias da Cia. Sorocabana (bairro da Luz, em São Paulo), os dois sinos novos, pesando 86,5 kg, que a população de São Caetano mandara fazer. Os sinos se destinam à igreja que se pretende construir no mesmo local em que existe a histórica capela edificada pelos monges beneditinos, em 1772, sobre outra de 1717-1720, dedicada ao patriarca São Caetano. Dão em dinheiro Rs. 50\$000 e cobrem parte do preço total de Rs. 223\$600 com um sino velho, que pesa 17 kg. Ficam devendo Rs. 160\$000. O sino velho era do século XVIII e pertencera à Capela de São Caetano, amplamente reformada entre 1770 e 1772. Tinha torre, coro e púlpito. Os sinos novos foram encomendados no dia 25 de abril. No templo, reformado nesse mesmo ano, há celebração de grandes festejos, presididos pelo Pe. José Marcondes Homem de Melo, vigário do Brás, mais tarde bispo de S. Carlos. Consta que a construção do novo templo, que terminaria na virada no século, resultou de campanha de Primo Baraldi, que para isso doou grande quantidade de tijolos.



Um dos dois sinos que os moradores de São Caetano mandaram fundir na Oficina de A. Sydow para a Igreja de São Caetano, em 1883. Para isso, foi refundido o sino da antiga Capela de São Caetano, do século XVIII

02/07/1883 O prof. Joaquim Ferreira Alambert é transferido do bairro de Guapira (Freguesia de Sta. Ifigênia), em São Paulo, para o bairro de São Caetano. Fora professor em Itu e Silveiras. Seria professor em São Caetano por dez anos, até 18 de maio de 1893.

Festa de São Caetano

11/08/1883 A S. Paulo Railway Company publica, neste sábado, no jornal *A Província de São Paulo*, anúncio sobre os horários dos trens especiais e ordinários que correrão amanhã, domingo, entre as estações de São Paulo (Luz) e Brás e a estação de São Caetano em função da primeira Festa de São Caetano. "Devendo ter lugar esta festa no próximo domingo, 12 do corrente mês, na colônia de São Caetano, as pessoas que a ela quiserem assistir poderão seguir pelos seguintes trens..." Um trem especial partiria às 8h30 da manhã da estação da Luz, parando às 8h35 na estação do Brás e chegando a São Caetano às 8h47. Esse mesmo trem partiria de volta de São Caetano às 9h00, passaria pelo Brás às 9h11 e chegaria à Luz às 9h13. Às 10h00, sairia da Luz o trem ordinário de passageiros, chegando a São Caetano às 10h17. Passaria de volta por São Caetano às 13h13 e chegaria a São Paulo às 13h30, com parada no Brás às 13h26. Um novo trem especial partiria de São Paulo às 16h00 e chegaria em São Caetano às 16h17, partindo de retorno às 17h00 e chegando a São Paulo às 17h15. A passagem de ida e volta, de primeira classe, custaria Rs. 1\$620. Só ida, de primeira, 940 rs. e de segunda, 440 rs. A festa constaria de missa cantada e de procissão. A Banda Vinte e Quatro de Maio tocaria gratuitamente. Uma nota publicada no jornal no dia 15 de agosto agradece aos organizadores e ao público da capital que concorreram à festa e à ferrovia que facilitando maior participação do público deu, assim, "mais impulso àqueles colonos desprotegi-

dos". Esse documento é assinado por dois membros da Irmandade de São Caetano: Lamberto Cesare Andreini, farmacêutico em São Paulo, e o colono Emílio Rossi, de São Caetano.

29/10/1883 Giovanni Peruch paga Rs. 15\$000 pela licença de funcionamento de sua taverna, em São Caetano, para 1883 a 1884.

01/11/1883 O prof. Joaquim Ferreira Alambert, que seria professor primário em São Caetano até 1893, informa que tem 30 alunos matriculados, dos quais 25 são italianos. Dedicam-se à lavoura. Na leitura, adota o livro *Lições no Lar*, de Hilário Franco.

16/01/1884 A Câmara Municipal de São Paulo debate a reclamação feita pelos moradores do bairro de São Caetano contra a ocupação de parte de suas terras por Rafael de Barros, vereador. Este alega que as adquirira em 1879 e as fechara em 1880. Exibe cinco escrituras.

22/01/1884 O jornal *A Província de São Paulo* publica a notícia da instalação da mesa administrativa da Irmandade de São Caetano, fundada em 1879, por iniciativa dos habitantes do Núcleo Colonial. Pelo estatuto aprovado pelo Bispo de São Paulo, o vigário do Brás era seu presidente. Neste ano um farmacêutico de São Paulo, Lamberto Cesare Andreini, é o provedor e a senhorita L. da Gama a provedora. Um único morador de São Caetano ocupa um cargo na mesa diretora, Emílio Rossi, tesoureiro. Em poucos anos, a Irmandade saiu do controle dos colonos e tornou-se um instrumento de intervenção na vida religiosa da população local por parte do vigário do Brás e de pessoas ricas de São Paulo. Emílio Rossi era a única pessoa do Núcleo Colonial que, por falar e escrever bem italiano e português, e por ser comerciante, tinha bons relacionamentos tanto com os colonos de São Caetano, tendo se casado na família Braidó, quanto com autoridades e comerciantes de São Paulo.

10/07/1884 Giovanni Peruch paga, com multa, Rs 27\$800 de impostos provinciais da sua taverna ou armazém, em São Caetano, relativos aos anos de 1881 e 1882.

11/08/1884 Começa a segunda Festa de São Caetano com uma novena.

13/08/1884 O jornal *A Província de São Paulo* noticia o programa da Festa de São Caetano, no próximo domingo.

15/08/1884 O secretário da Irmandade de São Caetano, por ordem do irmão provedor, publica um comunicado sobre os horários dos trens especiais, durante toda a semana e informa que as passagens terão preços reduzidos a 700 réis.

16/08/1884 Realiza-se neste domingo a segunda Festa de São Caetano, com missa cantada, sermão, procissão, jogos, leilão de prendas. A São Paulo Railway informa que emitiu, neste dia, três mil bilhetes de trem para os romeiros que vieram a São Caetano, embarcados nas estações da Luz e do Brás. O local da festa foi enfeitado com arcos e nela havia diversas barracas, onde se vendiam iguarias. Ao lado da capela, foi instalado um coreto, onde a Sociedade Musical 24 de Maio executou peças de seu repertório e onde foi feito o leilão de prendas. E observa o jornal *A Província de São Paulo*: "A colônia de São Caetano parece que será em breve uma nova povoação paulista de certa importância..."

.../.../1885 Luigi Cavanna constroi a capela de Sto. Antonio onde foi depois a travessa Luís Cavanna.

.../.../1885 O governo da província encarrega o engenheiro Revy de elaborar um plano de prevenção das inundações nas planícies próximas à cidade de São Paulo e resolver, assim, as inundações do rio Tamanduateí, especialmente na Várzea do

Carmo, atual Parque Dom Pedro II. É proposta a construção de dois reservatórios no vale superior do rio — um no rio dos Meninos e outro no próprio Tamanduateí, para represar a água da chuva. O rio correria por um canal inferior ao das planícies. Com isso, um trecho do rio dos Meninos seria transformado em lago, no atual limite de São Paulo e São Caetano. O projeto foi recusado pelo Visconde de Parnaíba, presidente da província, devido ao seu custo.

Milagre em São Caetano

20/07/1885 O Padre Giovanni Giordano, da Congregação Salesiana, escreve, de São Paulo, uma carta a Dom Bosco. Narra as primeiras providências para instalação da Missão Salesiana em São Paulo, que deverá cuidar do hospital da cidade e das colônias italianas. Alojados provisoriamente no Convento da Luz, constroem a Igreja do Sagrado Coração de Jesus e desenvolvem um trabalho de educação profissional de crianças no Liceu de Artes e Ofícios. O Padre Giordano faz uma primeira visita à Colônia de São Caetano, nesta segunda-feira, para dar início a uma segunda Missão, depois de iniciada uma primeira na Colônia de Santana. E diz a Dom Bosco: "Em minha primeira visita, a 20 de julho, assisti a uma bela graça de Maria Auxiliadora. Escute e julgue: Uma pobre doente não comia, não bebia nem falava há quatro dias; e estava sujeita a contrações nervosas, de modo que quatro homens eram necessários para segurá-la. O médico não sabia o que dizer ou fazer. Um seu parente tinha vindo dois dias consecutivos a pedir-me que fosse visitá-la, sobretudo porque a doente, antes de entrar naquele estado, havia manifestado desejo de confessar-se. Sendo-me impossível ir até lá, aconselhei-o que desse início a uma novena a Maria Santíssima Auxiliadora, como fez.

Chegando à Colônia, e tendo entrado no quarto da enferma, rodeada por umas trinta pessoas, fiz-lhe perguntas. Mas, não me respondia, a não ser rangendo os dentes e debatendo-se. Fiz ajoelharem-se todos os que lá se encontravam, rezamos três Ave-Marias com a invocação *Maria Auxilium Christianorum ora pro nobis*, lhe dei a bênção, e convidei todos a saírem para deixar-me só e, portanto, encontrar um meio de confessá-la e absolvê-la. Eis que, enquanto recitava as orações, e me recomendava novamente a Maria Santíssima, ouvi a doente exclamar: "Oh, sinto-me melhor". Logo, se confessou. Retornaram os parentes e amigos e qual não foi sua surpresa ao vê-la tranqüila e ouvi-la falar. Quase todos tinham os olhos cheios de lágrimas e romperam em exclamações. Aproveitei aquele momento para dizer duas palavras sobre a intercessão de Maria. Notei que alguns daqueles colonos começavam a ter dúvidas sobre a verdade da Religião, sobre os Sacramentos: naquele dia desapareceram as dúvidas, todos reconheceram um poder sobrenatural naquela cura e prometeram confessar-se; a graça material foi a fonte de graças espirituais. A doente prometeu então que viria ao Sagrado Coração para a Comunhão de agradecimento, e de fato veio acompanhada de uma dezena de parentes no dia marcado, o último da novena iniciada a meu conselho. — Não lhe parece que seja essa uma das muitas comoventes surpresas que a *Madonna* sabe fazer? Viva, pois, Maria Santíssima! Viva o 15 de agosto, dia de sua entrada triunfal no Céu, de onde tanto ajuda seus filhos! Viva também Dom Bosco que nos incute a devoção! Viva o 15 de agosto, seu dia natalício! Gostaria ainda de dizer-lhe que me levaram de casa em casa, como em procissão, para benzê-las. Mas, em breve lhe darei outras notícias. É tempo que encerre esta minha já longa [carta]." Padre Giordano informa que em São Caetano há umas cinqüenta famílias.

15/08/1885 O inglês William Speers, superintendente da São Paulo Railway, publica anúncio no jornal *A Província de São Paulo* sobre os trens especiais de São Paulo e Brás para São Caetano nos dias 15 e 16, dias da festa do padroeiro da Capela local. Em 1891, Speers é o nome dado ao antiqüíssimo Caminho Velho do Mar, primeira rua de São Caetano, hoje rua Rio Branco/Maximiliano Lorenzini.

*Restauração do Núcleo Colonial
pelo ministro Antônio Prado*

09/01/1886 O senador Antonio Prado, ministro da Agricultura, informa ao Parlamento do Império que foi criada uma Comissão Especial de Colonização para estabelecer novos núcleos coloniais e reativar os velhos, entre os quais o de São Caetano, praticamente abandonado pelo governo desde 1880. Trata-se de um atrativo para dar início à chamada Grande Imigração (1886/1888), que viabilizaria a abolição da escravatura a 13 de maio de 1888 e que abasteceria com mão-de-obra imigrante as grandes fazendas de café, sobretudo em São Paulo.

10/09/1886 O presidente da Câmara Municipal de São Paulo, Dr. Manuel Antônio Dutra Rodrigues, concede licença a Giovanni Peruch para o funcionamento de um armazém de secos e molhados em São Caetano.

25/09/1886 Carmine Barile paga, ao aferidor da Câmara Municipal de São Paulo, a importância de Rs. 3\$240 pela aferição dos pesos e medidas do seu estabelecimento comercial em São Caetano, correspondente ao ano financeiro de 1886-1887.

28/09/1886 Antônio da Silva Prado, ministro da Agricultura, determina a medição definitiva dos lotes do Núcleo Colonial de

São Caetano. Quando vereador em São Paulo, Antônio Prado fora inspetor de colonização e nessa qualidade estivera em São Caetano por ocasião da revolta dos colonos, em janeiro de 1878.

07/10/1886 Nasce, em São Caetano, André Leone, filho de fundadores do núcleo colonial. Funcionário da São Paulo Railway por 30 anos, foi, também, proprietário da Padaria Internacional, cujo edifício existiu até há pouco tempo, na rua Perrella, perto da estação.

29/03/1887 Emilio Rossi, colono em São Caetano, produtor e comerciante de vinhos da marca *São Caetano*, escreve uma longa carta, que será publicada no jornal *A Província de São Paulo* (atual *O Estado de S. Paulo*), fazendo a defesa da uva *Americana*, contra as uvas européias, para cultivo em São Paulo, dada sua melhor adaptação. Em 1888, porém, os parreirais de São Caetano serão atacados por uma praga, a filoxera, procedente de parreiras da Moóca, e serão destruídos. Em São Caetano são cultivadores de uva e produtores de vinho, além de Emilio Rossi, seu sogro Giuseppe Braido, Carmine Barile, Luigi D'Agostini, Giacomo Garbelotto, Antonio Gallo, Francesco Coppini e Francesco Fiorot.



Emilio Rossi, em 1878. (Acervo da Fundação Pró-Memória)

18/09/1887 Neste domingo, à noite, grande conflito em São Caetano, com cacetadas, facadas e tiros até dentro da capela. Os colonos desentenderam-se com os empregados da olaria do Dr. Samuel Mesquita e travaram tremenda luta. Ficaram feridos: Antonio Martorelli, Marieta Rossi, Luigi Pasquale e Luigi Frololi. Alguns colonos vão à estação passar um telegrama ao chefe de Polícia, mas o chefe da estação recusa-se a transmiti-lo, mesmo sendo pago. Um subdelegado de polícia e um médico só comparecerão à localidade no dia seguinte, procedentes do Brás. Em São Caetano não há policiamento. Esse conflito vem se repetindo quase todos os domingos. O chefe de polícia, relatando o caso a Rodrigues Alves, presidente da província, diz que "...achando-se os moradores da Colônia orando na igreja, foram inopinadamente agredidos pelos empregados da olaria, os quais dispararam tiros contra aqueles que, aterrorizados fugiram para a rua, onde foram novamente agredidos a pedras, facas e cacetes." O Dr. Samuel Eduardo da Costa Mesquita era cirurgião-dentista. Entre 1873 e 1878, tinha consultório na rua Direita n°. 27, em São Paulo. Faleceu a 13 de janeiro de 1894. Fora um dos signatários dos estatutos da Sociedade Francesa "14 de Julho", fundada pelo musicista Henrique Luis Levy em 1881. Utilizara um testa-de-ferro para adquirir um dos lotes coloniais de São Caetano, onde é hoje a Vila Carioca, já com intenção de instalar uma olaria. Posteriormente, comprou o lote de Luigi D'Agostini, ao lado do Pátio de São Caetano, atual Praça Ermelino Matarazzo. Adquiriu os terrenos onde existiram até 1879, pelo menos, os três fornos da grande cerâmica dos monges beneditinos, em São Caetano. Essas terras seriam vendidas a Pamplona, Sobrinho & Cia., que para aí transferem, em 1896, sua fábrica de sabão e graxa. Em 1916, toda a área seria adquirida por Francesco Matarazzo, que nela montaria algumas de suas fábricas.

08/10/1887 Carmine Barile compra do armazém de secos e molhados por atacado e a varejo de João Franzoi & Irmão, que ficava na rua João Alfredo n°. 33 (atual Ladeira General Carneiro), as seguintes mercadorias: uma caixa de conhaque (Rs. 23\$500),

uma caixa de genebra (Rs. 14\$500), um barril de sardinhas (Rs. 6\$000) e uma vassoura (Rs. 0\$900). Barile casara-se com a viúva de Giovanni Peruch, Dona Teresa. Giovanni Peruch fora o primeiro comerciante do Núcleo Colonial de São Caetano.

19/11/1887 O Visconde de Parnaíba, ao passar a administração da Província de São Paulo a seu sucessor, diz que em seu governo foi constatado que no Núcleo Colonial de São Caetano havia 28 lotes desocupados, 14 dos quais foram distribuídos imediatamente.

30/11/1887 Até o dia 30, desde 1º. de janeiro, foram encaminhadas a São Caetano, procedentes da Hospedaria de Imigrantes, 67 pessoas.

31/12/1887 Desde 30 de maio, entraram no Núcleo Colonial de São Caetano 80 pessoas, das quais 19 são crianças. São membros de novas famílias de colonos trazidas em consequência da reativação do núcleo nesse ano.

.../.../1888 A Irmandade de São Caetano cobra a anuidade de um mil réis de seus associados.

.../.../1888 O romancista republicano Júlio Ribeiro, em seu romance *A Carne*, publicado neste ano, descreve São Caetano a partir de um olhar da janela do trem: "Em São Caetano, em terras outrora baldias, de que ninguém fazia caso, há vinhedos formosíssimos plantados por italianos. A vista alegra-se com a simetria das parreiras, o coração rejubila com a idéia de uma prosperidade imensa, geral, em futuro não remoto, por todos os cantos do nosso... de nossa província, eu ia escrevendo *estado*."

09/01/1888 O engº. Joaquim R. Antunes Jr. informa ao presidente da província, Francisco de Paula Rodrigues Alves, que "a mais palpitante necessidade deste núcleo (São Caetano) é a sua

ligação com a Capital por uma estrada que ofereça fácil trânsito às carroças". Manda fazer um projeto de estrada que aproveite trechos do caminho já existente entre São Caetano e Moóca. Será no futuro a rua Ibitirama. O caminho anterior, parcialmente aproveitado, fora feito no século XVI. Já era considerado caminho antigo em 1589.

08/03/1888 O presidente da província de São Paulo, Francisco de Paula Rodrigues Alves, escreve ao colono Emilio Rossi, genro de Giuseppe Braidó, em São Caetano, solicitando informações sobre a produção de vinho. Rossi, além de vinicultor, tinha uma casa de comércio no Largo do Tesouro, em São Paulo, onde vendia o vinho de marca *São Caetano*. Como os vinhos da localidade tornaram-se muito conhecidos, com esse nome, mudou a marca do seu para *Vinho Rossi*.

São Caetano em 1888

04/04/1888 É concluído o recenseamento do Núcleo Colonial de São Caetano, iniciado a 22 de março. Há na localidade 314 habitantes, sendo 101 brasileiros até 10 anos de idade. Os restantes são italianos, dos quais apenas 26 até 10 anos, isto é, chegados depois da fundação do núcleo. Há 111 homens e 102 mulheres. Estado civil: 110 casados, 26 solteiros e 7 viúvos. Toda a população é católica. Profissões: 157 agricultores, 11 carvoeiros, 4 tijoleiros, 2 negociantes, um carpinteiro e um pedreiro. O núcleo tem casas provisórias (de madeira), 20 casas definitivas, 13 ranchos, 2 escolas, uma igreja, um próprio nacional (a casa-grande da antiga Fazenda de São Caetano, construída no século XVIII e usada como escritório da administração do núcleo colonial), engenhos de cana, uma padaria, uma oficina de ferreiro, uma oficina de tanoeiro (que fabricava as pipas para vinho), uma oficina de carpinteiro, 3 negócios de víveres, 2 carros de bois e 33

carroças. Os animais de criação eram: 14 cavalos, 38 muares, 68 bois, 69 vacas, 22 porcos e 8 cabras, no valor de Rs. 1.206\$000. A agricultura era constituída por plantações de 65.748 videiras, já atacadas por uma doença chamada filoxera, que se espalhará a partir da Moóca, razão pela qual a produção de vinho fora de apenas 24 pipas. Além disso, foram plantados 601 litros de milho (colheita: 25.050 litros), 1.151 litros de batatas (colheita: 7.550 litros), 312 litros de feijão (colheita: 1.585 litros), 2.420 pés de mandioca (produto: 12.100 litros de farinha), além de 15.700 repolhos e 2.695 árvores frutíferas. O vinho era vendido a Rs. 135\$000 a pipa, o milho a 80 réis o litro, o feijão a 106 réis, a batata a 120 réis, a farinha a 60 réis.

07/08/1888 Dia do Patriarca São Caetano. William Speers, superintendente da São Paulo Railway, publica nota no jornal *A Província de São Paulo* sobre os horários dos dois trens especiais entre São Paulo e São Caetano, na ida e na volta, dos dias 6 a 14 deste mês, durante os festejos em louvor do santo. A Festa de São Caetano será realizada no domingo, dia 15, e nesse dia haverá um novo horário para os trens especiais. As passagens de ida e volta teriam "preços reduzidos — 700 réis sem distinção de classe."

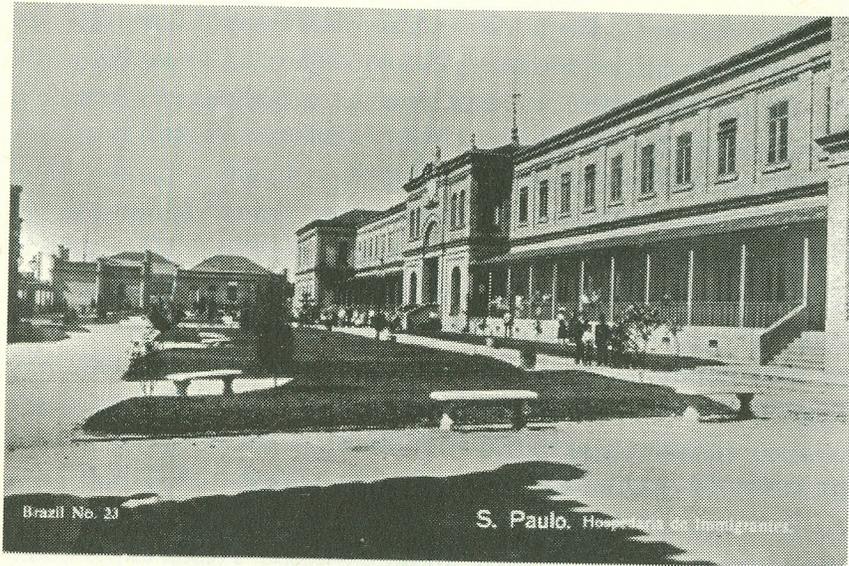
13/08/1888 Durante as festas do padroeiro, ocorre grande desordem na Colônia de São Caetano, motivada pelo jogo. Ficou ferido o individuo de nome Antônio Bugre, agredido por Fulano Bexiga e por Honorato de Tal. O subdelegado da Freguesia do Brás compareceu ao local no dia seguinte. Em setembro, Carmine Barile será nomeado inspetor de quartirão pelo delegado de polícia da Capital. Em 1889, já há notícia de um quartel de praças em São Caetano, instalado na parte dos fundos da antiga casa-grande da Fazenda, ao lado da igreja.

15/08/1888 Festa do Patriarca São Caetano, padroeiro do pão e do trabalho, dos pobres e dos desempregados. Desde 1883, São

Caetano tornou-se lugar da romaria desse santo. Em 1717, os monges beneditinos dão início à construção da Capela dedicada ao santo da Divina Providência, no mesmo local em que existe hoje a Igreja Matriz de São Caetano (Matriz Velha), na Praça Ermelino Matarazzo. Era uma capela colonial com alpendre, parecida com a capela de São Miguel, no bairro de São Miguel Paulista, em São Paulo, ainda hoje existente. Em 1772, o Abade do Mosteiro de São Bento mandou reformar e ampliar a capela, com côro, capela-mor e sacristia, torre e sino, dotando-a de todos os paramentos para celebração regular do culto. O arquiteto Brigadeiro José Custódio de Sá e Faria, do Real Corpo de Engenheiros, hospedou-se na Fazenda de São Caetano de maio a julho de 1773, corrigiu a torre e construiu o pórtico da Capela, nela reproduzindo o que projetara para a Igreja de Santa Cruz dos Militares, no Rio de Janeiro, ainda existente. Nessa capela, nos séculos XVIII e XIX, eram rezadas missas todos os domingos para os moradores do bairro de São Caetano e para os escravos da Fazenda de São Caetano, pertencente aos monges desde 1631. Na capela eram realizados os sepultamentos dos moradores do lugar. É a mesma Capela destes festejos de 1888, que seria substituída em 1900 pela Igreja hoje conhecida como Matriz Velha, no mesmo local da Capela antiga. Recentemente, arqueólogos do Museu Paulista, da Universidade de São Paulo, fizeram escavações no local e descobriram os restos, provavelmente, do alicerce da velha Capela. Esses vestígios arqueológicos podem ser vistos na vitrina de proteção construída ao lado da Igreja.

.../09/1888 O delegado Eugênio M. de Toledo, por proposta do subdelegado de polícia da Freguesia do Brás, nomeia Carmine Barile inspetor do Quartirão nº. 13 (Colônia de São Caetano).

26/10/1888 Desde 30 de maio de 1887, quando foi reativado, o Núcleo Colonial de São Caetano recebeu 99 pessoas. Dessas, 26 eram crianças. Desde 1º de janeiro de 1888, chegaram 19 pessoas, sendo 7 crianças. Todas trazidas por conta do Ministério da Agricultura.



A nova Hospedaria dos Imigrantes, no bairro do Brás, iniciada em 1886, durante o governo do Visconde de Parnaíba, e inaugurada em 1888. Foi dessa hospedaria que vieram os últimos colonos do núcleo colonial de São Caetano. (Coleção do Museu Paulista)

.../.../1889 Há um quartel de praças de polícia instalado em São Caetano.

.../.../1889 Há uma escola em São Caetano, com 53 alunos matriculados.

09/02/1889 O *Correio Paulistano* publica edital de concorrência pública para reconstrução da estrada que liga o núcleo colonial de São Caetano ao bairro da Moóca. Trata-se da atual rua Ibitirama. Essa estrada já era mencionada em documento de 1589.

Carta de um colono no fim do Império

14/02/1889 Giacomo Garbelotto escreve uma carta para um compadre que ficara em Cappela Maggiore (província de Treviso, Itália), lugar de procedência dos imigrantes aqui chegados a 28 de julho de 1877. Faz duras críticas aos traficantes de mão-de-obra que agenciam imigrantes para as fazendas do interior de São Paulo e denuncia as más condições de vida e de trabalho e a exploração dos trabalhadores. Diz, também (12 anos após a chegada dos imigrantes a São Caetano), que ainda não recebeu o título de propriedade de seu lote de terra. Dá notícias de outros colonos de São Caetano: Augusto Da Rè e Giacomo Dal' Cin. Diz que "Ghustino Titola (apelido de Augusto Da Rè) está aqui com Giacomo Dal' Cin e teve as filhas doentes e uma morreu e a sua esposa está bem e te saúda com toda a tua família. Ele me disse para você saudar o irmão dele e a cunhada." E mais adiante diz que "este maio penso ir à patria. Esclarecendo que será provável que vá com a minha esposa apenas, porque não podemos imediatamente, porque ainda não se tem o [título] definitivo da terra do governo..." Despede-se, saudando o compadre e mandando "um beijo de amor a ti, minha comadre e meu afilhado". Pede que saúde por ele "todos os meus parentes, amigos e todos aqueles que perguntam por mim..." Augusto Da Rè faleceu em São Caetano, a 3 de abril de 1931. Giacomo Dal' Cin também faleceu em São Caetano, a 19 de março de 1915. O nome de Giacomo Garbelotto não consta da placa afixada na Matriz Velha, em 1927, com os nomes dos chefes de família que fundaram o Núcleo Colonial de São Caetano. Era pai de Antonio Garbelotto (que consta da placa), que foi casado com Angela Garbelotto. Adquiriu lotes coloniais em sociedade com esse filho, em cujo nome foram emitidos os documentos de terra. O filho mais velho de

Antonio e Angela Garbelotto também chamou-se Giacomo (nasceu na Itália, a 30/08/1872, e faleceu em São Caetano, a 24/07/1931). Foram igualmente pais de Antonio Bernardo Garbelotto (nasceu a 13/06/1882 e faleceu a 12/01/1938). Antonio Bernardo, que teve olaria, estabeleceu-se com o comércio de bebidas nos anos vinte. Giacomo Garbelotto tinha um irmão chamado Antonio Garbelotto fu Domenico.

23/02/1889 Neste sábado, às 11h da manhã, são abertas as propostas da concorrência para reconstrução da estrada que liga o Núcleo Colonial de São Caetano ao bairro da Mooca. Começando na estação, a estrada teria três pontes de madeira e alguns bueiros de alvenaria.

28/02/1889 No Núcleo Colonial de São Caetano há 113 lotes medidos e demarcados, dos quais 95 estão ocupados e 18 estão vagos. Durante o ano de 1888, chegaram mais 19 imigrantes. Todos foram assentados nos lotes existentes.

A divisão do Núcleo Colonial de São Caetano pelo meio

12/03/1889 Com a criação do município de São Bernardo e o estabelecimento do rio dos Meninos como divisa com São Paulo, a parte do núcleo colonial que ficava entre esse rio e o ribeirão do Moínho Velho é separada de São Caetano.

.../03/1890 Henrique Raffard, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, faz uma visita ao Núcleo Colonial de São Caetano, na primeira quinzena. Já aí estivera em 1879. Sobre as duas visitas publica um relato com o título de *Alguns Dias na Paulicéia*. Segundo ele, em 1879, "a colônia de São Caetano tinha

17 casas, boas hortas, 3 fornos para tijolos, telhas e louça. Tudo tinha risonho aspecto neste núcleo a 10 km da capital, com uma população quase toda italiana, sendo a décima parte brasileira..."

15/03/1890 O Bispado de São Paulo dá provisão do uso de ordens a favor do Padre José Bovi, da Diocese de Senogalia, na Itália, o qual prestou justificação de identidade de pessoa e prestou exame, sendo aprovado. Em 1898, o Padre Bovi fixou residência em São Caetano, depois substituído pelo Padre Remigio Pessotti. O Padre Pessotti nasceu em Sovere (Bergamo) a 28 de agosto de 1834. Foi missionário na Índia e pároco em Bergamo, antes de entrar para a Pia Sociedade Missionária de S. Carlos (Scalabrinianos), em abril de 1888. Foi, depois, missionário dos imigrantes italianos no Espírito Santo e em São Paulo, época em que residiu em São Caetano. Faleceu a 9 de junho de 1913 e foi sepultado no jazigo da Venerável Irmandade de São Pedro dos Clérigos, no Cemitério do Santíssimo Sacramento, em São Paulo.

26/05/1890 No Núcleo Colonial de São Caetano há 322 pessoas, estabelecidas nos 92 lotes de que se compõe, "além de alguns colonos que, chamados pelos parentes, se acham residindo no barracão da sede há mais de 2 anos, por não existirem mais lotes vagos. Tem uma casa que servia para a administração antes da emancipação do núcleo, e que se acha hoje ocupada, a parte da frente por uma escola do sexo feminino e a dos fundos com quartel das praças de polícia aí destacadas."

26/06/1890 O Banco União de São Paulo adquire de Dona Deolinda Maria da Conceição terras localizadas onde é hoje a Vila Barcelona. Com a falência do Banco, mais tarde, essas terras passam para a S.A. Fábrica Votorantim, de Antônio Pereira Inácio, em 1918. Em 1890/91, o Banco adquire, ainda, terras de Antônio Álvares Penteado, e dos colonos Antonio Gallo, Natale Furlan e Luiza Coppini. Em 1918, o conjunto fazia divisa com a ferrovia, com Guinle & Cia (eletricidade), Vicente Rodrigues Vieira (curandeiro famoso), Caetano Garbelotti, João Januzzi e

Júlio Salles. O Banco tinha, também, a propriedade de outro terreno grande no centro de São Caetano, onde fundaria, em 1893, uma fábrica de bebidas, nas proximidades da estação ferroviária. O sítio de Dona Deolinda ficava num lugar denominado Ressaca, no antigo Bairro de São Caetano. Continha casa de morada e outras benfeitorias. As divisas começavam no pontilhão da estrada de ferro, seguiam pelo córrego do Moínho Velho (atual córrego do Moínho) até dar em um valo, pelo qual seguia até dar na cachoeira do Tiviavera e encontrar a linha férrea inglesa, abeirando esta até dar no ponto de partida. Dona Deolinda foi mãe de José Mariano Garcia Jr., primeiro juiz de paz, e avó de Lauriston Garcia que seria vereador em São Caetano, e de Lauro Garcia, que seria vereador por São Caetano em Sto. André e, por duas vezes, vice-prefeito de S. Caetano.

27/09/1890 Giovanni Minaré compra, por duzentos mil réis, no Núcleo de São Caetano, o lote que pertencera ao colono Vincenzo Santoro e sua mulher, Raffaella Siccolo Santoro. O lote correspondia a 10 quarteirões atuais de São Caetano, formando um quadrilátero limitado, hoje, pelas ruas Amazonas, Espírito Santo e São Paulo e por uma linha imaginária entre as ruas Monte Alegre e Piauí. Santoro foi colono da última leva de imigrantes chegada a São Caetano, em 1887/1888, no final da chamada Grande Imigração, às vésperas da abolição da escravatura. Requereu o seu lote a 13 de setembro de 1887 e foi atendido em menos de duas semanas. Prontificou-se a construir casas e a pagar a importância do lote que lhe fosse concedido. De fato, pagou por ele Rs. 185\$280. Uma inspeção, realizada em junho de 1888, mostrou que tinha duas casinhas no terreno, cada uma com 40 m² — uma coberta de telhas de barro e a outra, ainda em construção, para a qual pedira ao governo o fornecimento de telhas de zinco. O referido lote já fora concedido, em outubro de 1879, a Isacco Coppini, que deveria pagar por ele, em 1885, apenas Rs. 62\$500. O fato de que tenha sido vendido, novamente, pelo governo, em outubro de 1887, significa que fora abandonado por Coppini. É hoje uma das áreas mais valorizadas de São Caetano.

A primeira fábrica do núcleo colonial

05/11/1890 A Cia. Formicida Paulista, que está construindo sua fábrica em São Caetano, onde seria depois a av. Goiás, publica anúncio de meia página, em *O Estado de São Paulo*, sobre suas atividades e subscrição de seu capital. O capital inicial é de 500 contos de réis, dividido em ações de cem mil réis cada uma. A fábrica destina-se "à produção e venda do sulfureto de carbono (conhecido geralmente com o nome de formicida), com aplicação à lavoura e às indústrias, aproveitando excelente matéria-prima existente neste Estado, podendo a companhia fornecer o produto mais puro e por menos preço que lhe fará não recear a concorrência de análogas empresas no exterior." São incorporadores da Fábrica de Formicida Paulista o Dr. Manuel Joaquim de Albuquerque Lins (fazendeiro e advogado), futuro presidente do Estado de São Paulo, Major Domingos Sertório (capitalista), Dr. João de Cerqueira Mendes (advogado e fazendeiro), Coronel Boaventura de Figueiredo Pereira de Barros (fazendeiro), Dr. Ascendino Reis (médico e militar), Dr. Afonso de Albuquerque (industrial) e Dr. Artur de Camargo Carneiro (advogado). A Fábrica é construída no lote rural nº. 48, que o colono Eliseo Leone adquirira do governo a 27 de junho de 1878, no terreno fronteiro à atual Escola Estadual Cel. Bonifacio de Carvalho.

.../.../1891 Olarias de São Caetano arroladas este ano: de Antonio Garbelotto, Augusto Colono, Paulo Martorelli e Dr. Samuel E. C. Mesquita. Este último foi o primeiro proprietário de olaria, após a fundação do núcleo colonial. Provavelmente, a mesma olaria que havia pertencido aos beneditinos e que fora adquirida pelo governo imperial junto com a Fazenda de S. Caetano, em 1877, onde estava instalada.

.../.../1891 Emilio Rossi, colono em São Caetano, tem, na rua do Tesouro nº. 9, em São Paulo, um depósito do *vinho nacional Rossi*.

17/01/1891 O colono Natale Furlan vende suas terras no Núcleo Colonial de São Caetano ao Banco União de São Paulo. Em 1913, o Banco contrai um empréstimo por debêntures, garantindo-o com várias propriedades, entre elas os terrenos adquiridos em São Caetano.

26/01/1891 O colono Antonio Gallo vende suas terras ao Banco União de São Paulo e passa escritura no 3º. Tabelião da Capital. Em 1913, o Banco contrairia empréstimo por debêntures, garantindo-o, entre outros bens, com as terras de São Caetano.

*Treze anos depois da chegada,
os primeiros títulos definitivos de propriedade*

.../02/1891 São assinados, pelo governador Jorge Tibiriçá, títulos definitivos de propriedade da terra em favor de colonos de São Caetano. Por esses documentos, ficamos sabendo que o núcleo colonial tem duas ruas. A *Rua Nº. 1*, construída sobre o velho caminho do Tijucuçu, que já era mencionado pela Câmara de São Paulo em 1589, tem o nome de *rua Speers*, em homenagem a William Speers, superintendente da São Paulo Railway. Terá mais tarde o nome de *rua Rio Branco*. É cortada pela rua que sai da frente da Igreja de São Caetano em direção ao nascente. Esta é a *Rua Nº. 2* e tem o nome de *rua Joaquim Cândido*. Terá, depois, os nomes de rua da Matriz, rua Cel. Saladino Cardoso Franco (prefeito de São Bernardo) e *rua 28 de Julho*. São as duas ruas mais antigas do lugar.

24/02/1891 O governador de São Paulo, Jorge Tibiriçá, assina o título de propriedade do lote urbano nº. 8, do Núcleo Colonial de São Caetano, em favor de Carmine Barile. O lote tinha 4.578 m² e foi pago à razão de 30 réis cada 4,84 m². Ficava na esquina das atuais ruas Rio Branco e 28 de Julho, no quarteirão em que está hoje a Fábrica Matarazzo. Esse lote pertencera antes a Giovanni Peruch. Na rua Rio Branco (então denominada rua Speers), era vizinho de Carmine Barile o colono Emilio Rossi, que ocupava o lote nº. 16. Na rua 28 de Julho (então denominada rua Joaquim Cândido), Barile era vizinho de Francesco Fiorot, que ocupava o lote nº. 7.

26/02/1891 O governador de São Paulo, Jorge Tibiriçá, assina o título de propriedade do lote rural nº. 35, no núcleo colonial de S. Caetano, em favor do colono Domenico Bottan. Esse lote constituía um retângulo, hoje delimitado pelas ruas Espírito Santo, Casemiro de Abreu, Amazonas e São Paulo. Tinha 149.459,55 m², pagos a 3,88 de um real por 4,84 m². Praticamente, 10% de um tostão por metro quadrado. Era vizinho de Giovanni Minaré (lote nº. 34), de Martino De Martini (lote nº. 36), de Francesco Piccioli e Geronimo Piccioli (lote nº. 53), de Antonio Gallo (lote nº. 49) e de Francesco Coppini (lote nº. 42).

28/02/1891 O governador de São Paulo, Jorge Tibiriçá, assina o título de propriedade do lote urbano nº. 12, no Núcleo Colonial de São Caetano, em favor do colono Domenico Bottan. Esse lote ficava na esquina das ruas Rio Branco (então rua Speers, à esquerda de quem vai da rua 28 de Julho para a rua Perrella) com a rua 28 de Julho (então rua Joaquim Cândido, à direita de quem vai da Igreja para a rua Heloisa Pamplona). Na rua 28 de Julho, era vizinho de Antonio Garbelotto. Na rua Rio Branco era vizinho de Antonio Gallo. Este, por sua vez, morava em frente a Emilio Rossi. Do outro lado da rua Rio Branco, na esquina, morava Carmine Barile, num lote que pertencera originalmente a Giovanni Perucchi, de quem era viúva Teresa Barile.

07/05/1891 A colona Luiza Coppini vende suas terras na Colônia de São Caetano ao Banco União de São Paulo. Em 1913, o Banco contrai empréstimo por debêntures, garantindo-o com diversas propriedades, entre elas a das terras de São Caetano, compradas a vários colonos da localidade. O Banco tinha terras nas proximidades da estação ferroviária e na Vila Barcelona, totalizando 2.686.200 metros quadrados, em duas grandes glebas — cerca de 1/3 do Núcleo. Com sua falência, seriam adquiridas pelo grupo Votorantim, de Antônio Pereira Inácio.

20/05/1891 A Companhia Formicida Paulista anuncia: “Achando-se quase terminadas as obras da fábrica e depósitos desta companhia, e tendo de funcionar brevemente os aparelhos que estão sendo assentados, a diretoria convida os srs. acionistas a fazer a segunda entrada de suas ações, na razão de 20\$000 rs., por ação, no Banco Operário e Territorial de São Paulo...” A Fábrica de Formicida está sendo construída no lote que foi do colono Eliseo Leone, no terreno fronteiro àquele em que mais tarde seria estabelecida a Escola Estadual Cel. Bonifácio de Carvalho, na av. Goiás.

10/09/1891 Casemiro Alonso, maquinista do trem da São Paulo Railway que trouxe os imigrantes italianos para o núcleo colonial, a 28 de julho de 1877, compra em São Caetano, por Rs. 800\$000, um terreno de Marino Dall’Antonia, em frente à estação.

28/02/1892 Falece Luigi Baraldi, tronco da família do mesmo nome em São Caetano, onde foi proprietário de inúmeros terrenos. A estação ferroviária foi construída num terreno que lhe pertencera. É sepultado no cemitério do Brás, onde na época são sepultados os colonos de São Caetano.

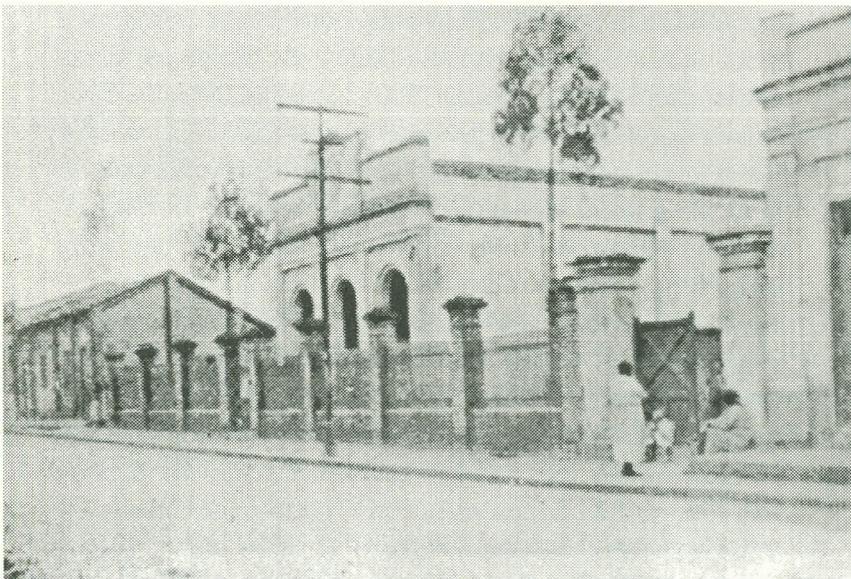
10/08/1892 Falece, em São Bernardo, o padre-mestre Tomás Inocêncio Lustosa, nascido em São Paulo. Cantou sua primeira missa, no dia 16/07/1828, na Igreja do Carmo. Foi quem fez o registro paroquial da Fazenda de São Caetano, em 1856, em

cumprimento da Lei de Terras. No dia 15 de outubro de 1877, o Padre Lustosa comunicara ao encarregado do Núcleo Colonial de São Caetano que não mais aceitaria cadáveres daí procedentes para sepultamento no cemitério da Freguesia de São Bernardo.

*Fundação da Società di Mutuo Soccorso
Principe di Napoli*

11/12/1892 É fundada a Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli, entidade de mútuo socorro que existiu até 1988 na rua Perrella. A primeira diretoria é a seguinte: Silverio Perrella (presidente), Celeste De Nardi (vice-presidente), Giacomo Fiorot (secretário). Conselheiros: Giuseppe Furlan, Francesco Coppini, Luigi Sigolo, Giovanni Lorensen. Até 1º de dezembro de 1895, o patrimônio da Sociedade é formado pelas seguintes doações: Primo Baraldi doa o terreno onde será construída a sede social na rua Perrella. Fazem doações de tijolos para essa construção: Silverio Perrella (500), Carmine Perrella (500), irmãos Lorensen (500), irmãos Roveri (500), Celeste De Nardi (500), Giuseppe Ferrari (400), Giacomo Garbelotto (500). Doam dias de serviço para o transporte do material: Luigi Cavanna e Giovanni Dall’Agata (3 dias cada um), Filippo Roveri, Giovanni Lorensen e Valentino Perin (2 dias cada), Girolamo Pizolo, Francesco Pizolo, Luigi Sigolo, G. Maria Lorensen, Andrea Lorensen, Demetrio Coppini, Silverio Perrella, Antonio Roveri, Giovanni Gallo, Antonio Perin, Marino Dall’Antonia e Cesare D’Agostini (um dia cada), Giovanni Carnevalli (1/4 de dia). Doam dias de trabalho como pedreiros: Celeste De Nardi (4 dias), Delelmo Ferretti (2 dias, não é sócio), Antonio Ecchere (não é sócio), André Tomio e Francesco Chiaradia (um dia cada). Como ajudantes: Francesco Coppini (3 dias), Demetrio Coppini (2 dias), Antonio

Coan, Silverio Perrella, Primo Baraldi, Giovanni Traini, Giovanni Tomè, Antonio Martorelli (um dia cada). Como carpinteiro: Giovanni Dall'Agata (3 dias). Além disso, a Sociedade recebeu as seguintes doações: Rs. 60\$000 do engenheiro Ricardo Severo, em nome do Banco União (que nessa época está comprando terras de colonos em São Caetano e construindo uma fábrica de bebidas perto da estação) e Rs. 6\$000 do Dr. Mello Barreto, médico da Sociedade. Alguns sócios doam o dinheiro do subsídio a que tem direito por tratamento médico e remédios: Silverio Perrella, Celeste De Nardi, Giovanni Giacomini, Giovanni Maria Lorensen, Francesco Coppini, Noé Zapparoli, Alberto Cavanna e Giuseppe Romaldini. Abele Ballarini doa os Rs. 7\$500 a que tem direito por serviço prestado como enfermeiro ao sócio Noé Zapparoli.



Sede da Società di Mutuo Soccorso "Principe di Napoli", construída em mutirão pelos sócios, na última década do século XIX, em terreno doado por Primo Baraldi, onde é hoje a rua Perrella

.../.../1893 É tradição que foi neste ano que teve início o funcionamento da fábrica de refinação de açúcar construída pelo Banco União, de Antônio de Lacerda Franco, no terreno em que foi depois a Texaco, entre a estação ferroviária e a rua Lacerda Franco. Essa fábrica produziu, também, bebidas e licores. O Banco União era banco emissor. Foi um dos grandes compradores de terrenos dos colonos de São Caetano, no centro e na atual Vila Barcelona, na década de noventa. Acabou falindo. O patrimônio de São Caetano na massa falida foi adquirido por Antônio Pereira Inácio patriarca dos Ermírio de Moraes. Antônio de Lacerda Franco foi senador estadual.

20/02/1893 Horário de parada dos trens da São Paulo Railway em São Caetano, em vigor no dia 20: para São Paulo, nos dias úteis, às 8h34, 9h17, 17h25, 18h52; nos domingos e feriados, às 8h34, 9h17 e 17h25. Para Santos, nos dias úteis, às 6h21, 7h38, 15h01, 15h58; nos domingos e feriados, às 6h21, 7h38 e 16h04. A passagem de 1ª. classe para São Paulo custa Rs. 0\$800 e a de 2ª. classe Rs. 0\$400.

12/03/1893 Neste dia de aniversário da promulgação da constituição italiana, é lançada solenemente a pedra fundamental da sede da Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli, fundada no ano anterior. Presentes autoridades brasileiras e italianas. Não faltou nenhuma associação italiana. São padrinhos o banqueiro Camilo Cresta e sua esposa. Na ocasião, José Luís Fláquer recebe o título de sócio vice-presidente honorário. Médico, prestara serviços à Sociedade e lhe oferecera gratuitamente a maior parte dos remédios necessitados pelos sócios, "dal principio della fondazione di questo Sodalizio". Camilo Cresta, estabelecido em São Paulo desde 1880, era quem remetia para a Itália as economias da maior parte dos imigrantes. Daí o seu interesse em apoiar as associações de italianos. Em 1900, o Ministério italiano do Exterior não tinha boas informações a respeito de sua situação econômica. Faliu em 1901.

18/05/1893 Por decreto desta data, o prof. Joaquim Ferreira Alambert permuta a sua vaga de professor na colônia de São Caetano, onde trabalhara nos últimos 10 anos. Neste ano, são professores Manuel dos Reis e Josefina Invernizzi, com 22 alunos cada um.

24/06/1893 Primo Secondo Baraldi formaliza a doação à Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli de um terreno na atual rua Perrella para construção de sua sede social. A escritura é lavrada no Cartório do 1º. Tabelião da Capital.

São Caetano em 1893

05/07/1893 A Câmara de São Bernardo informa que São Caetano tem uma indústria: a Fábrica de Formicida pertencente ao sr. Fernando de Albuquerque, ocupando 16 operários adultos e 3 menores. Em 1901, a Fábrica de Formicida Paulista era de Manuel Joaquim de Albuquerque Lins, ex-presidente da província do Rio Grande do Norte e, mais tarde, presidente de São Paulo. Funcionava no quarteirão da av. Goiás que fica em frente à atual Escola Cel. Bonifácio de Carvalho. Fora inaugurada em dezembro de 1890. Na mesma ocasião, está sendo construída uma fábrica, pertencente ao Banco União de São Paulo, para refinação de açúcar e destilação de bebidas alcoólicas. Ficava perto da estação ferroviária, do lado de baixo da linha. O Banco União era, na época, um dos mais poderosos do Brasil. Era banco emissor de papel moeda. Pertencia ao Senador Antônio de Lacerda Franco. O Banco tornou-se proprietário em São Caetano, a partir de 1890, mediante compra de terras de colonos e de antigos posseiros cujos direitos haviam sido legitimados. As terras e a fábrica seriam hipotecadas em 1913. Em 1918, com a falência do Banco, passariam ao grupo Votrantim, de Antônio Pereira Inácio (hoje, grupo Ermírio

de Moraes). Há em São Caetano uma escola primária pública para alunos do sexo masculino, com 20 alunos; uma escola primária feminina com 16 alunas e uma escola particular noturna com 18 alunos. São Caetano tem 40 edifícios térreos e 2 sobrados, segundo relatório do vice-presidente da Câmara Municipal de São Bernardo.

26/09/1893 A Società Militi Italiani, de São Paulo, em seu nome e no da Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli, de São Caetano, lança um manifesto "Alla Colonia Italiana" proclamando-se neutra em face da guerra civil que se desenrola em algumas regiões do país, envolvendo especialmente a Marinha. Mas, proclama, também, que "neutralidade não é indiferença e faz votos ardentíssimos pela paz e tranqüilidade do país, pela consolidação de suas instituições e seu funcionamento regular, legal e ordenado..." Delibera, ainda, fazer uma coleta de dinheiro para auxílio às vítimas.

13/01/1894 Falece o Dr. Samuel Eduardo da Costa Mesquita, cirurgião dentista. Era proprietário da olaria fundada pelos monges beneditinos, na Fazenda de São Caetano, em 1730, por ele adquirida após a desapropriação das terras pelo governo imperial, em 1877, para fundação de um núcleo colonial destinado ao assentamento de imigrantes italianos. Os almanaques antigos de São Paulo registram que tinha consultório à rua Direita nº. 27. Em 1881, assinara os estatutos da Sociedade Francesa "14 de Julho", fundada pelo musicista Henrique Luís Levy. No dia 18 de setembro de 1887, um domingo, os empregados de sua olaria entraram num grande conflito com os colonos de São Caetano, tendo havido cacetadas, facadas e tiros até dentro da capela. Sairam feridos os colonos Antonio Martorelli, Marieta Rossi, Luigi Pasquale e Luigi Frololi, alguns com ferimentos graves. Em sua olaria eram produzidos tijolos da marca "Paulista", de que se encontra exemplares em velhas construções de São Caetano e de São Paulo. A olaria ficava nas terras próximas à Matriz Velha

(construída no mesmo lugar da antiga capela), onde Pamplona, Sobrinho & Cia. construiriam, em 1896, uma fábrica de sabão e graxa. Essa fábrica seria adquirida por Francesco Matarazzo, em 1916, e transferida para a Água Branca em 1920.



Tijolo fabricado na olaria de Samuel Mesquita (1880-1894), antiga fábrica de telhas e tijolos, fundada em 1730, da Fazenda de São Caetano. (Acervo do Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul)

16/12/1894 A Società "Principe di Napoli" decide que a mensalidade de seus sócios será de Rs. 2\$000 por um ano, a partir do dia 1º. de janeiro de 1895. E que o subsídio aos sócios doentes será de Rs. 1\$000 (um mil réis) por dia.

17/01/1895 A São Paulo Railway contrata a duplicação da ferrovia, para ser realizada até o final de 1898. Em consequência, projeta construir na estação de São Caetano um novo edifício de passageiros, com uma plataforma de 120 metros de comprimento, um armazém de cargas e quatro casas para os empregados. Já havia uma estação de passageiros ao lado do leito ferroviário antigo, inaugurada a 1º. de maio de 1883. Era o edifício do lado da rua Perrella. O conjunto arquitetônico foi demolido há poucos anos para construção de uma nova estação, da Praça Anacleto Campanella e da passagem sob o leito da antiga rua de São Caetano, depois av. Central e hoje av. Conde Francisco Matarazzo.

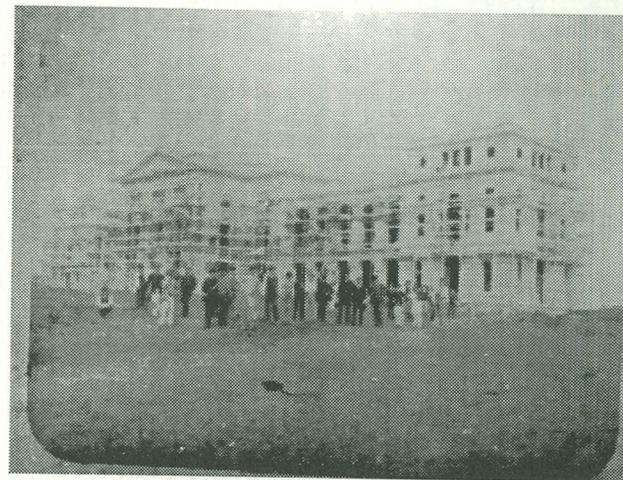
14/03/1895 A Società "Principe di Napoli" promove uma "piccola festa". Cada sócio paga uma taxa de Rs. 3\$000.

30/06/1895 A Società "Principe di Napoli" decide contratar um médico, pagando-lhe um tanto por visita. Na mesma ocasião, resolve que o sócio que faltar às reuniões pagará a multa

de Rs. 1\$000, salvo aqueles que se encontrem fora do "neclito di S. Gaetano."

04/08/1895 A Società "Principe di Napoli" decide contratar um médico, pagando Rs. 30\$000 por consulta dos sócios que vivem mais longe, Rs. 20\$000 por consulta dos que vivem mais perto, e Rs. 3\$000 por consulta no consultório.

06/11/1895 O Dr. H. Von Ihering, diretor do Museu Paulista (Museu do Ipiranga), envia o seguinte recado a Giuseppe Ferrari: "mandar depressa mais um vagão de tijolos e vir cá receber o dinheiro da outra conta". Giuseppe Ferrari deixou larga descendência em São Caetano. Era originário de San Giacomo delle Segnate, em Mântua (Itália). Casado com Da. Prima Rezachi, veio para o Brasil com quatro filhos: Raymundo (10 anos), Romigio (8), Virginia (4), Adalgisa (3) e Emilia (8 meses). Aqui nasceram, ainda, Guerino, Archinto e Leonardo. Faleceria em 1897. Seu filho Archinto, casado com Da. Luiza Coan Ferrari, tornou-se industrial. Tiveram os seguintes filhos: Antonio Domingos, Verino Segundo (que foi um dos fundadores e diretor da Escola Paroquial de São Caetano, em 1939, e do Banco Real do Progresso, em 1955), Mercedes, Angelina, Elide, Luiza e Olga.



Edifício do Museu Paulista, construído há um século no Ipiranga para celebrar a Independência do Brasil. Nele foram empregados tijolos produzidos nas olarias dos colonos italianos de São Caetano. (Coleção Bezzi. Acervo do Museu Paulista)

01/12/1895 A Società "Principe di Napoli" delibera que se alguém se filiar a ela, e quiser ter socorro imediato, deverá pagar de uma vez Rs. 55\$000. Ou, então, deverá pagar Rs. 2\$000 de entrada, Rs. 2\$000 de Estatuto e Rs. 2\$000 mensais durante um ano.

01/12/1895 Eleições para a diretoria da Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli. Eleitos: Primo Baraldi (presidente), Gaetano Garbelotto (vice), Demetrio Coppini (secretário), Domenico Biagio (vice), Eliseo Leone (tesoureiro). Conselheiros: Celeste De Nardi, Antonio Demoso, Giovanni Visentin, Francesco Coppini. Conselho fiscal: Giacomo Garbelotto, Giovanni Lorenson, Luigi Ceza, Angelo Fiorot. Antonio Roveri (chanceler), Pietro Tomè (vice). Censores: Paolo Martorelli, Gaetano Coppini, Giovanni Carnevalli, Pietro Manfe. Porta-bandeiras: (primeiro) Davide Bortolini e (segundo) Luigi Sigolo. Bedéis: (primeiro) Giovanni Dall'Agata e (segundo) Antonio Picin.

.../.../1896 Pamplona, Sobrinho & Cia. transferem para São Caetano sua fábrica de sabão e graxas produzidos com sebo e resíduos animais. Adquirem para isso as terras que o dentista Samuel Eduardo da Costa Mesquita, falecido em 1894, havia adquirido de vários colonos nas proximidades do Pátio de São Caetano e da Capela. O cabeça da empresa, José Coelho Pamplona, viera do Rio de Janeiro, onde se dedicara à produção de macadames e lastro de pedra para os navios. Em 1877, as atas da Câmara de São Paulo o mencionam como contratador de obras públicas. Mas, foi em 1881 que ele pediu à Câmara da capital "por arrendamento ou aluguel por contrato a prazo determinado, a parte do terreno desocupado no matadouro público, sob diversas condições, para montar maquinismos apropriados para extração de gorduras, óleos e outras substâncias dos resíduos do gado ali abatido". Era o início da Fábrica Pamplona. Em 1887, essa fábrica funcionava na rua dos Andradas, no bairro de Santa Ifigênia, não longe da estação da Luz. Em 1916, a fábrica de São Caetano será vendida pela família Pamplona a Francesco Matarazzo. Antigos

empregados da Fábrica Pamplona, que aprenderam ali a técnica de reaproveitamento de resíduos animais na produção de matérias graxas e de adubos, fundaram com o tempo suas próprias fábricas no mesmo vale do rio dos Meninos: membros das famílias Braido e Dal'Mas.

02/02/1896 A Società "Principe di Napoli" decide contribuir com Rs. 36\$000 para as despesas funerárias dos sócios falecidos. O que exceder a essa quantia ficará por conta da família do sócio. Além disso, estabelece que quem não acompanhar à sepultura um sócio, em vez da multa de Rs. 3\$000, pagará Rs. 10\$000.

01/09/1896 Grave conflito, em São Caetano, entre diversas pessoas de nacionalidade italiana por causa de uma mulher que há algum tempo vivia em relacionamento íntimo com um certo Luigi Magagni. Sai ferido a tiros, sem gravidade, além do próprio Luigi, Santo Magagni. Os agressores são presos.

04/10/1896 A Società Principe di Napoli institui uma taxa de Rs. 1\$000, a ser paga por todos os sócios, para mandar assoalhar sua sede, na rua Perrella.

30/05/1897 Falece Giuseppe Ferrari, nascido em Mântua (Itália), em 1844. Tirou passaporte a 10 de outubro de 1877 e emigrou para o Brasil, em janeiro de 1878. Foi encaminhado ao Núcleo Colonial de São Caetano. Adquiriu o lote n.º 41, que compreendia o retângulo formado, hoje, pelas ruas Espírito Santo, São Paulo, Conceição, e pelo rio dos Meninos. Nessa área, teve uma olaria que, em 1895, fornecia tijolos para o Museu do Ipiranga. Era casado com Da. Prima Rezachi. Pouco depois de chegarem a São Caetano, faleceu-lhes, no dia 7 de fevereiro de 1878, a filha Emília, de 7 meses, de marasmo, conforme atestado do médico do núcleo, Dr. Jayme Serva. Essa filha foi sepultada no cemitério da Consolação, com atestado de pobreza passado pelo vigário do Brás. Com Giuseppe e Prima

Ferrari, vieram da Itália os filhos Virginia, Adalgisa, Raymundo, Remigio e Emilia. Aqui nasceram, ainda, Guerino (que morreria picado de cobra), Archinto, Atilio e Leonardo. Giuseppe Ferrari foi um dos benfeitores da Società "Principe di Napoli". Foi sepultado no cemitério do Brás. Sua esposa, nascida em 1848, faleceria em 1938.

01/08/1897 A Società "Principe di Napoli" decide que sua diretoria deverá reunir-se sempre, às 3 h da tarde, no domingo anterior à reunião do conselho. A reunião será feita na casa do presidente, que nesse momento é Silverio Perrella.

.../.../1898 São professores em São Caetano, Manoel dos Reis e Joana de Almeida Mota.

11/03/1898 Carmine Barile compra, da firma César, Martins & Comp., da rua João Alfredo nº. 47, as seguintes mercadorias: um barril de toucinho (Rs. 162\$000), duas caixas de querosene (Rs. 24\$000), um barril de banha (Rs. 31\$000), duas sacas de arroz do Japão (Rs. 62\$000) e uma saca de açúcar branco (Rs. 40\$000). Barile era comerciante. São indicações sobre hábitos de consumo da população de São Caetano nessa época. A rua João Alfredo será depois a ladeira General Carneiro.

03/04/1898 A Società "Principe di Napoli" planeja festejar o dia 20 de setembro, data nacional italiana. A festa, entretanto, não será feita porque no dia 8 de setembro Silverio Perrella, presidente, fica doente e sua doença será grave e demorada.

07/08/1898 O Dr. Vincenzo Mangia é indicado para substituir o Dr. Melo Barreto, médico que atendia os sócios da Società "Principe di Napoli". No dia 2 de abril de 1899, a Società entende de procurar outro médico, pois o Dr. Mangia não mora mais em São Paulo.

A construção da matriz velha

21/10/1898 O cônego José M. Homem de Melo, vigário da paróquia do Brás, solicita ao cônego vigário capitular da Diocese de São Paulo a nomeação de uma "comissão de moradores da Colônia de São Caetano para edificação de uma nova igreja. Argumenta que estão os povos da Colônia de São Caetano d'esta Paróquia resolvidos a edificarem uma nova Igreja para o seu Padroeiro, em vista do estado ruinoso da velha Igreja..." Para compor a comissão, sugere os nomes de Carmine Barile, Celeste De Nardi, Carmine Perrella, Luigi Fiorot e Gaetano Garbelotto. A Igreja antiga, a que se refere, era a Capela de São Caetano, construída em 1772 pelos monges beneditinos, que durou, portanto, 126 anos. Alicerces dessa antiga Capela foram descobertos, em 1991, no mesmo sítio em que se localiza a atual Matriz Velha, por uma equipe de arqueólogos do Museu Paulista, da Universidade de São Paulo. Essa antiga Capela, por sua vez, decorreria de ampliação de outra capela existente no local, construída em 1717.



A Igreja de São Caetano no dia da procissão de Santo Antônio, em 1908, onde ficam hoje a rua 28 de Julho e a praça Ermelino Matarazzo. Construída na virada do século no mesmo local em que até então existia a Capela de São Caetano, de 1717, reconstruída e ampliada em 1772. (Acervo da Fundação Pró-Memória)

05/06/1899 A Società "Principe di Napoli" resolve festejar este ano o 20 de setembro, data nacional italiana. No ano anterior, a festa não fora feita porque o presidente Silverio Perrella caíra gravemente enfermo, no dia 8 de setembro. Resolve, também, que, na ocasião, haverá "un concerto di Musica". A festa seria divulgada diversos dias antes pelo jornal. Prevista para o primeiro domingo após o dia 20 de setembro. No dia 6 de agosto, porém, será cancelada, sem esclarecimentos.

.../08/1899 Há em São Caetano uma escola primária particular para ambos os sexos. Dos 36 alunos, 28 são brasileiros e 8 estrangeiros. É professora Da. Ernesta Magnani, estrangeira.

FONTES

- A Provincia de S. Paulo*, Coleção do Departamento do Arquivo do Estado.
- Arquivo Aguirra, Coleção do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.
- Arquivo da Cúria Metropolitana de S. Paulo, Pasta "São Caetano do Sul".
- Arquivo do Estado, "Instrução pública", ofícios, S. Bernardo (1834-1896).
- Arquivo do Estado, "Colônias" (Anos 1870/1877), caixa 3.
- Arquivo do Estado, "Colônias" (1878), caixa 4.
- Arquivo do Estado, "Colônias" (1879-1890).
- Arquivo do Estado, Maço "Terras e colonização", sem classificação.
- Arquivo do Estado, "Núcleo Colonial de S. Caetano", Anos 1885-1891.
- Arquivo Histórico do Museu Imperial. *Diario de D. Pedro II*, Maço 37, doc. 1.057, cat B (Nº. 22).
- Arquivo Nacional, Inspetoria de Terras Publicas, +IA (6) 97 (1877).
- Atas da Câmara da Cidade de São Paulo* (1878-1884), Publicação do Departamento de Cultura, Prefeitura Municipal de São Paulo.
- Atas da Società di Mutuo Soccorso "Principe di Napoli"*, Coleção do Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul.
- Bollettino Salesiano*, Anno IX, N. 13, Torino, Dicembre 1885.
- Correio Paulistano*, Coleção do Departamento do Arquivo do Estado.
- Diario de S. Paulo*, Coleção do Departamento do Arquivo do Estado.
- Emilio Franzina, *Merica, Merica*, Ed. Feltrinelli, Milano, 1980.
- Eugenio Egas, *Galeria dos Presidentes de São Paulo*, vol. I.
- Fanfulla*, Coleção do Centro de Apoio à Pesquisa Histórica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

- Henrique Raffard, "Alguns Dias na Paulicéia, *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, vol. 55-II.
- Italo Dal'Mas, "Homens de fibra", *Jornal de São Caetano*, n.º 2.406, 27-28 de julho de 1985, p. 3B.
- Italo Dal'Mas, "O pacto com a História", *Jornal de São Caetano*, 26/07/1986, caderno A, página 7.
- José de Souza Martins, *São Caetano do Sul em Quatro Séculos de História*, São Caetano do Sul, 1957.
- José de Souza Martins, *A Imigração e a Crise do Brasil Agrário*, Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1973..
- José de Souza Martins, *Subúrbio*, Editora Hucitec/Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, São Paulo, 1992.
- João Netto Caldeira, *Album de São Bernardo*, Editora Cruzeiro do Sul, São Paulo, 1937.
- Jornal de S. Caetano*, Coleção da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.
- Livro para o Registro das Guias das Sepulturas, no Cemitério Municipal desta Capital*, vols. 7 e 8, Divisão do Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de São Paulo.
- Luigi De Rosa, *Emigranti, Capitali e Banche (1896-1906)*, Edizione del Banco di Napoli, 1980.
- Mario Francesconi, *Giovanni Battista Scalabrini*, Città Nuova Editrice, Roma, 1985.
- O Estado de S. Paulo*, Coleção do Departamento do Arquivo do Estado.
- Oscar Garbelotto, "O Núcleo Colonial e sua evolução vista pelas Festas de São Caetano (1883-1927)", in *Raízes*, Ano VIII, N.º 15, São Caetano do Sul, julho de 1997, p. 18-24.
- Relatorio da Inspectoria Especial de Terras e Colonização - 1889*.
Relatorio do Ministro da Agricultura, 1888
São Paulo Railway, *Relatorio de 1896*.
- Tião Barbosa, "Socos e pontapés. O trem vai sair", *Diário do Grande ABC*, Sto. André, 25 de agosto de 1985, p. 20.



IMPRESSO POR
PROVO GRÁFICA
TEL.: (011)418-0522